

ALMADA

ALMADA

Ginjal. Entre terra e rio

Projeto Avançado III - IV

Exercício de Mestrado Integrado em Arquitetura

Docentes: Prof.º João Matos; Prof.º Pedro Pacheco

Julho de 2018

Índice

LIVRO II

001	<i>Sobre o projeto de Almada</i>		
004	Almada	1	CIDADE
007	Enquadramento territorial		
009	Contexto geomorfológico		
017	Contexto histórico		
025	Cais do Ginjal	2	LUGAR
029	Ortofotomapas		
033	Fotografias		
037	Plantas		
041	Fotografias		
043	Cubal, entre terra e rio	3	
047	Plantas		
051	Fotografias		
053	Cortes longitudinais		
057	Fotografias		
059	Cortes transversais		
063	Centro Cultural	4	PROGRAMA
067	Axonometria		
069	Plantas		
075	Fotomontagem		
077	Sala de exposição		
081	Cafetaria		
085	Auditório		
089	Matéria	5	MATERIALIDADE
093	Corte construtivo		
095	Detalhes		
099	<i>Índice de figuras</i>		

Sobre o projeto de Almada

O enunciado da unidade curricular de Projeto Avançado III e IV, propõe uma reflexão sobre a cidade de Almada.

Num lugar obsoleto, é proposta uma reaproximação entre cidade e o rio através dum atravessamento público que inclui um programa cultural contemporâneo onde o abrandamento do ritmo citadino e a experimentação da obra de arte pelo homem urbano dá sentido ao conceito interventivo da arte contemporânea.

A escolha do local de intervenção com a premissa de um programa de espaço expositivo de cultura contemporânea centrou-se na zona oeste da frente ribeirinha da cidade de Cacilhas.

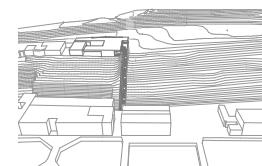
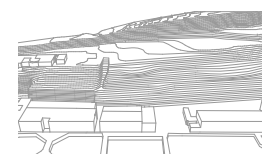
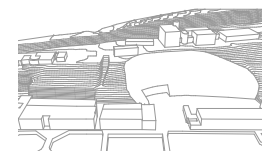
O Cais do Ginjal foi selecionado por se tratar de um troço de cidade descontinuada com necessidades urgentes. A sobreposição de infraestruturas e edifícios de diferentes gerações definem um espaço onde a ausência de planeamento e a perda de função de muitos destes componentes se manifestam num conjunto obsoleto. A barreira física constituída pelo conjunto de edifícios devolutos fabris e ocupações clandestinas, bem como a construção de um paredão de betão (denominado Cubal) são os propulsores de um maior afastamento entre a cidade e o rio.

A intervenção propõe uma regeneração do lugar por meio de um atravessamento transversal público cidade - rio, procurando estabelecer uma ligação construída, física, da cidade com a zona ribeirinha.

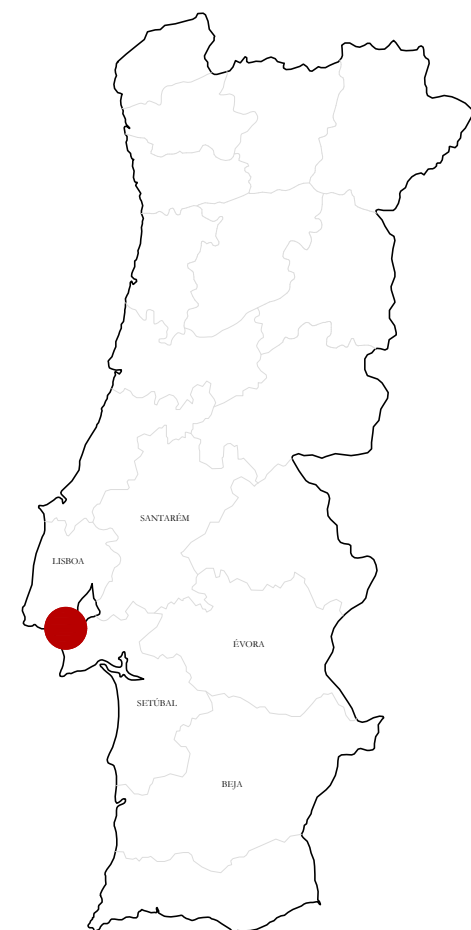
O edifício oferece à cidade um espaço de abrandamento do ritmo urbano onde a experimentação da obra de arte pelo homem urbano dá sentido ao conceito interventivo da arte contemporânea. Organizado em torno de pátios, a sua configuração permite receber, acolher e devolver os visitantes ao seu percurso. O programa, composto por sala expositiva, auditório e cafetaria, oferece um uso cultural.

O espaço construído, rótula de percursos, de quem vira as costas ao rio ao encontrar a cidade ou de quem, em sentido oposto, vindo dela, tem agora um lugar para olhar o rio, numa posição de supremacia própria de quem observa e o vagar suave de quem se deixa, quase sempre, conquistar. Procura-se uma fusão entre os problemas urgentes de um lugar, um programa cultural e o Homem contemporâneo, numa aproximação entre universos tão próximos, mas ainda assim tão distantes.

O projeto surge como resultado do trabalho desenvolvido a título individual, durante o ano letivo de 2016-2017. Desta forma a base dos desenhos aqui apresentados é resultado dessa produção, enquanto que os textos foram na sua totalidade produzidos para a dissertação.



Almada



003_ Localização de Almada. Mapa de Portugal

0 50 000

006



CIDADE

002_ Fotografia panorâmica de Almada 1962

003

002

005

004

003

Enquadramento territorial

A cidade de Almada é parte da área metropolitana de Lisboa. Encontra-se delimitada a norte pelo rio Tejo, a sudoeste pelo rio Sado e a sul e oeste pelo oceano Atlântico. A sua costa norte compreende o Cais do Ginjal, o complexo do Olho-de-boi e a Quinta de Arealva. É sobre a área compreendida pelo Cais do Ginjal que se desenvolve a proposta de intervenção.



004_ Ortofotomapa

004

0 500

Geologia

Em termos geológicos Almada é marcada pela presença da sua arriba fósil, que assume grande expressão na área correspondente ao Cais do Ginjal e que é composta maioritariamente pela presença de calcários.

A formação do seu solo em arriba estende-se desde Cacilhas até à Trafaria, sendo composto por formações relativamente brandas, argilas, siltes-argilosos e areólas, com alguns níveis intercalados de formações mais compactas como calcários e arenitos.

Em particular, na área compreendida pelo Ginjal, junto a Cacilhas, verifica-se uma presença bastante acentuada de arenitos finos.

O fato do solo ser composto por camadas de diferentes durezas, faz com que a arriba varie no seu declive, fazendo com que existam partes da encosta mais acentuadas e outras mais planas.

A configuração atual da arriba, é efeito conseqüente do processo de escavação do vale. O rio desempenhou um papel preponderante na definição dos taludes enquanto força erosiva e de transporte, removendo os materiais dos taludes emersos e depositando-os na sua base.

Desta forma a condição atual da arriba é o resultado de um processo natural de erosão de escarpas, marcado pela degradação e transporte das camadas mais brandas e friáveis, que ao serem removidas, deixam à vista as camadas calcárias mais resistentes.

Com as construções junto à zona ribeirinha, reduziu-se bastante a ação erosiva do rio, fazendo com que este deixasse de ter influência na evolução dos taludes que compõem a arriba. Atualmente as escarpas estão protegidas na sua base pelos próprios detritos da vertente.

- | | |
|---|--|
| "Areolas do Cabo Ruivo" com <i>Chlamys macrotis</i> | |
| "Areolas de Braço de Prata" com <i>Flabellipecten tenuisulcatus</i> | |
| "Calcários de M. Arvila" com <i>Pycnodonta squarrosa</i> var. <i>gigantea</i> | |
| "Arenitos de Grilos" com <i>Shizaster scillae</i> | |
| "Argilas de Xabregas" com <i>Meretrix brochii</i> | |
| "Arenias do Vale de Cbelas" | |
| "Calcários da Musgueira" com <i>Chlamys scrabriuscula</i> | |
| Arenias com <i>Placuna miocenica</i> | |
| "Calcários do Casal Vistoso" com <i>Chlamys scrabrella</i> | |
| "Arenias da Quinta do Bacalbau" com <i>Gryphaea gryphoides</i> | |
| "Areolas da Estefânia" com <i>Chlamys pseudo-pandorae</i> | |
| "Formação de Benfica" com intercalação dos "Calcários de Alfornelos" | |
| "Complexo vulcânico de Lisboa" com intercalações vulcano-sedimentares | |

005_ Carta Geológica



005

Morfologia

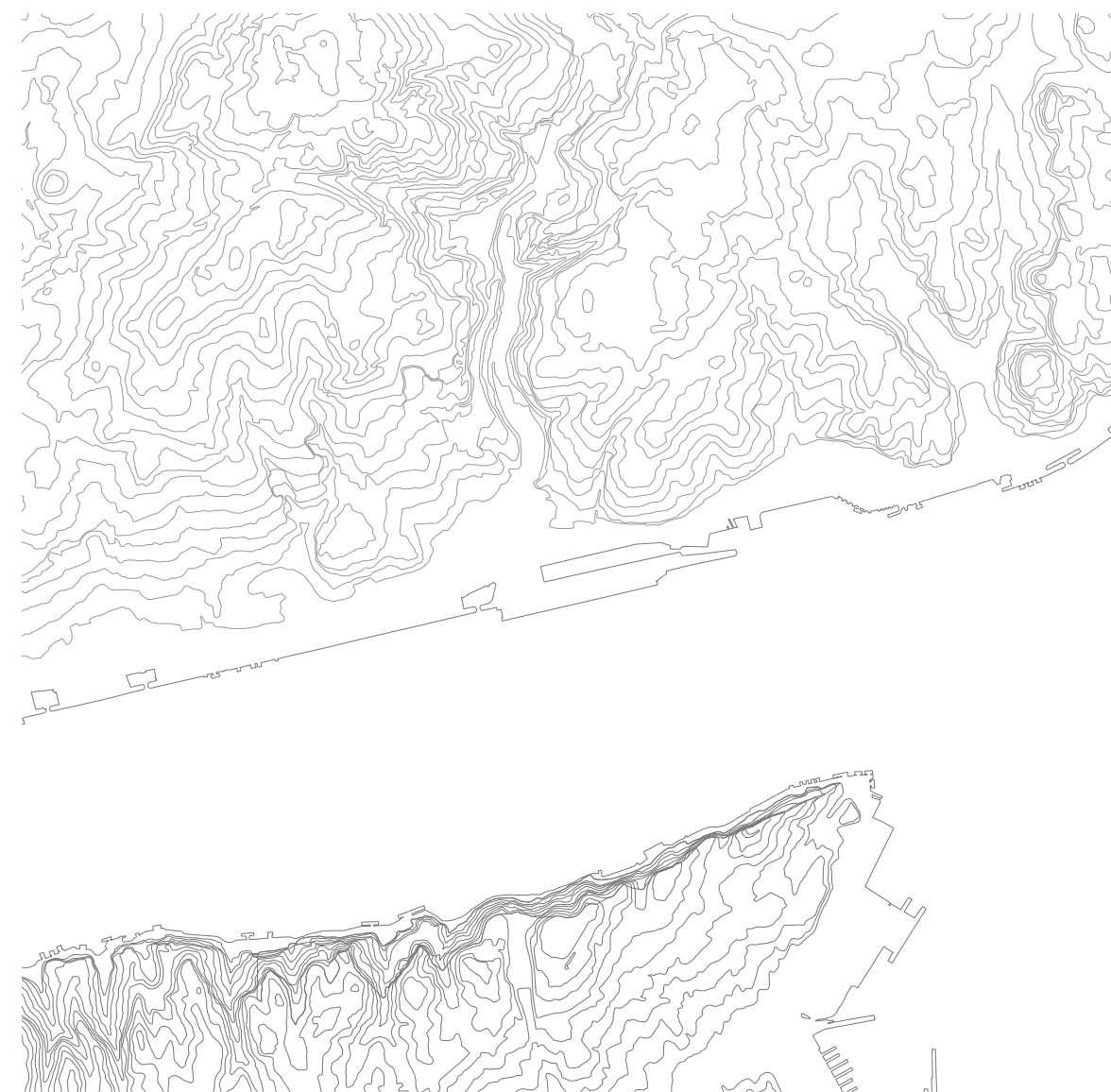
Para compreender a morfologia do terreno, analisou-se o relevo através das suas curvas de nível.

Almada apresenta predominantemente um terreno em escapa, com declive acentuado, predominantemente orientado a norte e com maior incidência junto à sua faixa ribeirinha.

A cidade tira partido desta característica, implantando-se à cota alta, no topo da arriba, beneficiando da proteção dada pela topografia e pela proximidade com o rio Tejo.

Atualmente a cidade estabelece-se a duas cotas, com o núcleo urbano à cota alta e as infraestruturas do porto à cota baixa, junto ao rio. Esta situação é consequência da topografia que estabelece uma barreira entre a cidade e o seu plano de água, fazendo com que o rio ainda que estando próximo, permaneça distante.

Resultado das construções junto ao cais é a modificação da linha finisterra que se desenha segundo as necessidades logísticas. Desta forma o contacto com o mar, deixa de ser feito de uma forma natural, através do encontro da arriba com o rio, e passa a fazer-se de modo artificial, através das plataformas de betão.



006_ Mapa de curvas de nível

006

0 500

Edificado

Almada apresenta uma malha urbana bastante densa. O seu desenho preenche grande parte da superfície de terreno disponível, sendo que as áreas onde o edificado se apresenta de forma mais dispersa, diz respeito às zonas em que o declive ganha maior expressão dificultando a construção.

O edificado desenvolve-se essencialmente segundo a direção nascente poente, orientando-se a sul, de costas para o rio. Afastado fisicamente em relação à sua linha de costa, concentra-se junto ao seu núcleo histórico, limitado pelo perímetro do terreno à cota alta.

Num determinado momento verificou-se um crescimento da malha urbana devido à implementação das atividades industriais, no entanto, com o posterior encerramento de grande parte dessas industriais, as construções entraram num estado de progressiva degradação.

Esta situação reflete-se nos dias de hoje na fachada norte da cidade, que apresenta um estado de descaraterização acentuado, atribuindo a este lugar um contraste abrupto quando comparado à outra margem do Tejo.

Os armazéns que restaram na paisagem como memória dessas atividades, apresentam as suas traseiras viradas para a frente ribeirinha da cidade, potencializando ainda mais o distanciamento entre cidade e rio.



007_ Mapa do edificado

007

0 500

Indústria

A costa norte do concelho de Almada compreende o Cais do Ginjal, o complexo do Olho-de-boi e a Quinta de Arealva. O Ginjal foi domínio privado da família Teotónio Pereira até 1860, quando por interesse de diversos investidores se construiu o cais que participaria na atividade fluvial da foz do Tejo.

Até então há registo da existência de dois polos industriais ativos: "Pacou" - Bento José Pereira - dedicada à exportação de vinho e vinagre desde finais do século XVIII e os Estaleiros Navais Hugo Parry & Son de construção e reparação naval desde 1838. A Quinta da Arealva, tornou-se no início do século XVIII numa empresa de produção de vinho, azeite e conservas.

Mais tarde após a construção do Cais do Ginjal e até ao fim do século instalaram-se fábricas de cortiça (Symington e C^o), de barris para armazenamento de vinho (Tanoaria Francisco da cerca) e de produtos farmacêuticos (António João Rosa), contando-se ainda no lugar onde hoje está o complexo do Olho-de-Boi a fábrica de lãs (Companhia de Fiação e Tecidos Lisboense).

Entre os anos 30 e 80 surgiram algumas indústrias vinícolas (Alda Pereira Gomes e Melo e Fábrica Teotónio Pereira, Lda.) e a fábrica de barris de madeira (Tanoaria de Salvador Raposo).

A expansão das indústrias pesqueiras e aliados à conserva e transformação da pesca começam nos anos 20 com a Cooperativa Portuguesa de Pescadores, o Grémio Nacional de Armadores dos Navios da Pesca do Bacalhau, a Fábrica Virgílio Correia, "La Paloma", a Empresa Industrial do Frio e a Fábrica do Óleo de Fígado de Bacalhau.

O declínio da atividade industrial costeira inicia-se nos anos 70 logo após o 25 de Abril, extinguindo-se com a falência da Cooperativa Portuguesa de Pescadores em 1984.

Atualmente, estas construções encontram-se num estado de progressiva degradação e futura obsolescência, descaracterizando no seu conjunto toda a fachada ribeirinha e dificultando o uso deste lugar como parte integrante da cidade.



008_ Mapa de indústrias

Contexto histórico

As condições geológicas particulares e as diversas variações sofridas ao longo dos anos pelo litoral português fazem com que os vestígios existentes das primeiras ocupações humanas na região de Almada seja escassos. Alguns vestígios e instrumentos do Período Paleolítico inferior e médio, Epipaleolítico e Neolítico foram encontrados em escavações no concelho ao longo do tempo.

No concelho de Almada apenas existem vestígios de ocupação de povoados que apontam para a Idade de bronze, isto é: existência de um povoado central, já com um caráter vincadamente urbano e um conjunto de povoados com características sobretudo agrícolas.

A Quinta do Almaraz é um dos sítios que integrava a estrutura político-socioeconómica desses povos. Foram encontrados neste local, traços de duas linhas de muralhas (provavelmente existia uma terceira linha mais exterior), fossos à frente da primeira linha e num outro ponto cuja associação à muralha não é muito clara; dentro do fosso têm surgido fragmentos de adobe, normalmente utilizado na construção de habitações, pelo que se deduz, que dentro da primeira linha de muralhas se situa a primeira área habitacional.

A atividade do povoado de Almaraz, muito virada para o comércio com o Mediterrâneo Oriental e as costas andaluzas e Africanas, estava dependente da existência de um porto abrigado que permitisse a chegada, a carga e descarga e partidas das embarcações em qualquer altura do ano, situação que se verificava no porto de Cacilhas, cuja concha, reforçada pela construção de um cais, oferecia condições excelentes.

As escavações recentemente efetuadas em Cacilhas revelam a existência de um conjunto de estruturas, certamente de apoio à atividade portuária e relacionadas com o cais, identificado em anteriores escavações. O comércio e o esplendor deste povoado manteve-se até às Guerras Púnicas (Guerra que opôs a República Romana e a República de Cartago, entre 264 a.C. e 146 a.C.), altura a partir do qual o declínio se iniciou até ao total abandono em meados do século I a.C.

Com o período romano acentua-se o caráter rural e industrial deste território, que deixa de ter um aglomerado urbano e passa a fixar-se em pequenas vilas espalhadas pela Caparica, Ramalha e Chegadinho e por fábricas de salga de peixe em Cacilhas e Porto Brandão. Apesar da perda de importância face ao surgimento de grandes cidades como Olissipo (nome romano de Lisboa), é possível acompanhar todo o período romano desde o século II a.C. até ao século VI.

- ▨ Edifícios notáveis
- ▨ Ocupação até ao séc. XVII
- ▨ Ocupação urbana, séc. XII-XIII
- ▨ Ocupação muçumana a partir do séc. VIII d. C.
- ▨ Ocupação Fenícia: Quinta do Almaraz, séc. X-IX a. C.
- ▨ Ocupação Romana: Indústria da salga do peixe, séc. II-VI a. C.

009_ Planta histórica da cidade de Almada anterior ao século XIX



0 500

Até ao século VIII, durante a presença muçulmana, são poucos os vestígios conhecidos. Os vestígios medievais têm surgido sobretudo na área chamada "Almada Velha" ainda que também tenham aparecido alguns vestígios em Cacilhas e na Cova da Piedade.

A estruturação do núcleo urbano deve-se à situação geoestratégica específica de Almada, que se reflete, em termos da sua configuração espacial, na presença do castelo e das fortificações destinadas à defesa da costa e dos arredores. Construções de índole militar foram elementos preponderantes na demarcação do espaço envolvente da vila, nos tempos em que as paredes de pedra ainda detinham o poder de proteção contra guerras.

Além de funcionar como elemento catalisador de uma estrutura de defesa, que se reflete na configuração do núcleo urbano, o rio Tejo é também responsável por outras particularidades da evolução da região de Almada. Servindo de via de transporte acessível, o Tejo incentivou a produção agrícola da área da charneca circundante do núcleo urbano principal de Almada, orientando a formação de outros pequenos núcleos, que a partir de uma estrutura rural ascenderam a povoações urbanas. Por outro lado o aproveitamento do rio para as atividades piscatórias também se inclui entre os fatores que geraram a formação de outros pequenos aglomerados populacionais, que se conjugam hoje na definição da cidade e das suas freguesias.

A área de Almada, a vila, é entre as povoações da região a que conta com o mais antigo e vincado caráter urbano. Tendo-se desenvolvido como aglomerado urbano ainda antes da Reconquista. Almada preserva o cunho urbano das ocupações romanas e árabes.

A formação inicial do seu núcleo urbano deu-se a partir do castelo, dispondo-se a forma urbana a partir das vias de ligação emitidas desde o núcleo até às áreas circundantes. Desta forma, surge a primeira planta primitiva da vila, com vias longilíneas, ligando-se a largos e praças ocasionais nos cruzamentos. Este desenho é ainda facilmente identificado nas partes mais antigas da cidade nas dimensões das vias e nos lugares mais antigos.

A vila manteve-se restringida à sua dimensão inicial, com poucos crescimentos desde os anos da reconquista até ao século XVIII. O seu território era bastante vasto, ocupado por quintas nobres, freguesias e localidades rurais, que em certa altura tiveram uma população dispersa superior à da própria vila, que entretanto continuava a ser a única que mantinha os serviços administrativos da região.



■ Malba urbana

010_ Planta histórica da cidade de Almada no século XIX

0 500

A partir do século XIX, mas principalmente no início do século XX começam a surgir elementos que começam a alterar o quadro de núcleo urbano estagnado, e lhe conferem um outro ambiente. De uma concentração de atividades ligadas basicamente à agricultura e pesca, a região passa a ser sede de um investimento industrial.





A implantação dos empreendimentos industriais aproveitando a margem do rio direcionou o crescimento dos anteriores pequenos núcleos populacionais do litoral, convertendo-os em polos de urbanização. Exemplos disso são os casos de Mutela, Caramujo, Cova da Piedade e Cacilhas. Almada, a vila, terá ficado distante durante algum tempo do surto urbanizador nascente na sua periferia, mantendo o seu caráter administrativo e não sofrendo grandes acrescentos ao seu tecido urbano.

A sequência do processo de passagem da economia da região do setor primário para o secundário acabou por envolver a evolução urbana do núcleo histórico. Entre os anos 40 e 60 deste século, promoveu-se a abertura das grandes vias de ligação entre os polos urbanizadores, (Rua do Incrível Almadense e Avenida D.Afonso Henriques), formando a base estrutural a partir da qual se irradiou a expansão do tecido urbano, na tendência de ligar todos os polos numa única trama de edifícios e estradas, tendência esta que a construção da ponte sobre o Tejo acelerou e confirmou.

Uma nova urbanidade emergiu substituindo a aprazível região das quintas de recreio e dos núcleos piscatórios e rurais. A cidade cresceu num movimento evolutivo muito acelerado com esta industrialização.

Para além de ter de lidar com os mecanismos de crescimento urbano da sua própria região, Almada, e o conjunto de localidades da margem sul do Tejo, tiveram que assumir as consequências de se tornarem área pertencente à região metropolitana de Lisboa, funcionando, nos dias de hoje, como dormitório de trabalhadores da capital.



-  Edifícios notáveis
-  1949
-  1967
-  1958

011_ Planta histórica da cidade de Almada no século XX



0 500

1179	1384	1580	1640	1755	1808	1809	1810	1820	1828	1860	1863	1910	1920	1930	1939	1950	1960	1966	1973	1974	1993	1994
Concedida a primeira Carta Foral	c e r c o castelhano de Lisboa e do castelo de Almada	Invasão de Filipe II de Espanha	Revolução da independência	Terramoto de Lisboa causa grandes destruições em Almada e danifica o castelo	As tropas inglesas desembarcam em Portugal	2ª invasão francesa (comando S o u l t)	3ª invasão francesa (C.Massena)	A energia a vapor vem facilitar ainda mais os percursos entre as duas margens do rio Tejo	Guerra Civil (1828-1834)	Construção do Cais Fluvial de Cacilhas	Instalação da empresa Hugo Pary, primeiros estaleiros no Cais do Ginjal	República proclamada em Almada	Instalação no Cais do Ginjal da Companhia Portuguesa de Pesca	Surgem os primeiros restaurantes no Cais do Ginjal	Instalação no Ginjal da Cooperativa dos Armadores da Pesca do Bacalhau	Construção da Fábrica de óleo de Fígado de Bacalhau	Decadência na agricultura portuguesa, provocando o maior surto de emigração da história do país	Construção da ponte da Oliveira Salazar	Almada é elevada a cidade	Revolução 25 de Abril	Conversão do antigo solar em Casa da Cerca como Centro de Arte Contemporânea	Inicia-se o processo de recuperação do Cais do Ginjal definido pela arquitetura local e pelos proprietários das empresas, no entanto, não chega a ser executado
	Combate naval de Cacilhas	O castelo de Almada e a torre velha rendem-se aos espanhóis	O castelo de Almada e torre velha entregam-se a Álvaro Abranches da Câmara	Os franceses retiram-se de Almada	Retirada dos franceses		Batalha do Buçaco linha de Torres.					1ª República (1910-1926)					Expansão dos estaleiros da Lis Nave					
	Assalto surpresa a Almada por D. Nuno Álvares Pereira.						Wellesley manda construir 20 fortes para defesa por terra e transformar o forte de Almada															
	Castelhanos abandonam a vila																					

Cais do Ginjal



014



015



016



017

014-017_ Fotografias do Cais do Ginjal



013_ Fotografia panorâmica do Cais do Ginjal desde a Praia do Comércio. 1868

LUGAR

Cais do Ginjal

O Cais do Ginjal situa-se perto do cais fluvial de Cacilhas e compreende o espaço junto ao rio que vai desde Cacilhas até às escadas que terminam na Boca do Vento, já à cota alta da cidade (Ferreira, 2010). Lugar representativo da história da cidade de Almada, torna-se território de reflexão para o presente projeto.

De entre as principais características que caracterizam este lugar, destaca-se a sua situação de encaixe entre a arriba e o rio; a sua forma linear, na qual o percurso possível se faz de uma forma muito limitada e contida devido à sua estreita configuração; o contacto muito próximo com o rio, sobre o qual se consegue obter uma vista surpreendente; a relação visual com Lisboa, que faz com que este lugar ainda pareça pertencer à outra margem; pela sua desconexão com a cidade implantada à cota alta; pelo estado de abandono e descaracterização que se pode observar em grande parte dos seus edifícios e ainda pela dificuldade de acessos, situação agravada pela grande diferença de cotas que existe relativamente ao núcleo urbano.

Os edifícios e armazéns existentes apresentam uma tipologia de um ou dois pisos, com pés direitos altos e uma linguagem homogénea no seu conjunto. Na sua fachada a sul ainda se podem encontrar vestígios de pequenos espaços ajardinados. Apesar do seu estado atual, este lugar apresenta um enorme potencial para atividades de lazer e fruição, que de momento ainda se encontram pouco exploradas.

O Cais do Ginjal era no passado um importante polo de desenvolvimento industrial. Esta situação tem início no século XVII com o início da construção dos armazéns industriais junto ao rio, estes que foram sofrendo sucessivas ampliações até ao século XVIII.

Apesar de mais próximo de Cacilhas, as necessidades do dia-a-dia deste pequeno núcleo urbano eram maioritariamente suprimidas pelo núcleo histórico de Almada, tendo em conta que, ainda no século XIX, os moradores tinham que atravessar a praia para ir para Cacilhas, estando dependentes das variações das marés para o poderem fazer. Esta situação só se altera em 1860 com a construção do cais fluvial que veio trazer uma maior permeabilidade de percursos entre o Cais do Ginjal e Cacilhas (Ferreira, 2010).

Espaço de trabalho mas também de atividades de lazer e de ócio, o Ginjal atingiu na primeira metade do século XX o seu auge de vitalidade. Situação que se vem a alterar devido à perda de importância do transporte fluvial e à falência e transferência das empresas e estaleiros, levando ao seu progressivo estado de abandono.

018_ Ortofotomapa do Cais do Ginjal Proposta
019_ Ortofotomapa do Cais do Ginjal Estado atual
020_ Ortofotomapa do Cais do Ginjal 1964



020

0 100



019

0 100



018

0 100

Cais do Ginjal

Existem um conjunto de atividades, de práticas que acontecem no Cais do Ginjal que é importante destacar no sentido de compreendermos a sua identidade.

A proximidade com o rio, justificou, desde os tempos mais remotos, um conjunto de atividades. As atividades navais, a acostagem de barcos que faziam a ligação entre as duas margens, a construção e reparação naval, o transporte via rio de mercadorias e pessoas e a pesca, foram parte marcante na vida deste lugar. No entanto esta situação é alterada com a construção da ponte 25 de Abril.

A atividade piscatória e os estaleiros navais foram outra das principais atividades marcantes deste lugar. As fábricas de pesca do bacalhau tiveram uma grande preponderância sobre as outras atividades. O início desta prática é potencializado em 1939 pela instalação no Ginjal da Cooperativa dos Armadores da Pesca do Bacalhau, que garantia assistência aos trabalhadores e melhores condições para o abastecimento do pescado.

Para além da cooperativa, outra das entidades que veio reforçar esta atividade no Ginjal, foi a implementação neste local do Grémio Nacional de Armadores de Pesca do Bacalhau, que facilitava a compra e venda do produto. Esta situação fez com que outras empresas do ramo abrissem atividade no Ginjal, como é o caso de oficinas de redes, da empresa industrial de frio e a Fábrica de Óleo de Fígado de Bacalhau, que se encontrava numa plataforma à cota superior, no início da Quinta do Almaraz.

Devido à rentabilidade do bacalhau nesta altura, as empresas relacionadas com esta atividade aproveitavam o encerramento de algumas atividades para tomarem posse de grande parte dos edifícios que existiam no Cais como foi o caso da Fábrica de Cortiça Symington e dos Estaleiros Navais Hugo Parry. Resultado desta situação é a ampliação de muitos dos edifícios e o corte feito na arriba para se conseguir obter mais espaço para estas indústrias.

Fruto da sua relação com o rio, este lugar beneficia de uma vista privilegiada sobre o plano de água e sobre Lisboa. Tendo sido durante muitos anos o elemento primordial para a ligação entre as duas margens.

Outra das práticas que no passado existiu no Ginjal, foi a atividade balnear, que se verificava na região pelo menos desde 1860, tendo-se registado um aumento considerável de banhistas em 1921. A praia mais utilizada era a das "Lavadeiras".

021_ *Fotomontagem do Cais do Ginjal* Proposta

022_ *Fotografia do Cais do Ginjal* Estado atual

023_ *Fotografia do Cais do Ginjal* 1900



023



022



021

Cais do Ginjal

A partir de 1930, no século XX, começam a aparecer os primeiros restaurantes localizados no Cais do Ginjal, tendo a maior parte resultado de ampliações de casas de pasto ou adaptações de armazéns existentes, que se transformaram em amplos restaurantes. Em funcionamento por mais de trinta anos, estes espaços ganharam fama e dotaram o Ginjal de um maior movimento e atividades de lazer (Milheiro, 2009).

Devido à construção da ponte 25 de Abril em 1966, estes espaços perderam muita da sua influência e acabaram mesmo por encerrar, ao fim de pouco tempo. No entanto esta atividade foi das que maior fama deu ao Ginjal, tornando-o durante alguns anos num espaço civilizado e muito procurado, principalmente pela população lisboeta.

Nesta altura os trabalhadores trabalhavam todos os dias, exceto ao domingo, nesse dia o Ginjal ganhava um caráter bastante diferente dos restantes dias, as pessoas saíam à rua, passeavam junto ao rio e ocupavam os restaurantes e espaços de lazer que aí existiam.

No entanto, o Ginjal era nesta altura um espaço predominantemente dedicado ao trabalho. Poucas pessoas moravam neste lugar devido à falta de condições, sendo que os poucos que ali viviam estavam dependentes do centro histórico de Almada para suprir as suas necessidades.

Esta situação era ainda dificultada pelos poucos acessos que existiam entre a cota alta da cidade e o cais. Desta forma a maior parte dos trabalhadores residia em Almada e restantes em Lisboa, sendo que, para estes a situação ainda era agravada pelas variações da ondulação, que por vezes impedia que se chegasse à margem sul do Tejo (Milheiro, 2009).

A partir dos anos sessenta e setenta as alterações que se deram ao nível da produção, distribuição e consumo de produtos alterou por completo o panorama que caracterizou o Ginjal durante muitos anos.

A construção da ponte veio acentuar ainda mais esta situação, tendo em conta que, o transporte rodoviário de mercadorias e pessoas ganharam supremacia em relação ao transporte fluvial entre as duas margens do rio, o que fez com que grande parte das infraestruturas existentes no cais perdessem a sua função e lógica segundo o funcionamento atual da cidade.

024_ *Seção horizontal do Cais do Ginjal Proposta*
025_ *Seção horizontal do Cais do Ginjal Estado atual*
026_ *Seção horizontal do Cais do Ginjal 1883*



026

0 100

039



025

0 100

038



024

0 100

037

Cais do Ginjal

Existem um conjunto de atividades, de práticas que acontecem no Cais do Ginjal que é importante destacar no sentido de compreendermos a sua identidade.

A proximidade com o rio, justificou, desde os tempos mais remotos, um conjunto de atividades. As atividades navais, a acostagem de barcos que faziam a ligação entre as duas margens, a construção e reparação naval, o transporte via rio de mercadorias e pessoas e a pesca, foram parte marcante na vida deste lugar. No entanto esta situação é alterada com a construção da ponte 25 de Abril.

A atividade piscatória e os estaleiros navais foram outra das principais atividades marcantes deste lugar. As fábricas de pesca do bacalhau tiveram uma grande preponderância sobre as outras atividades. O início desta prática é potencializado em 1939 pela instalação no Ginjal da Cooperativa dos Armadores da Pesca do Bacalhau, que garantia assistência aos trabalhadores e melhores condições para o abastecimento do pescado.

Para além da cooperativa, outra das entidades que veio reforçar esta atividade no Ginjal, foi a implementação neste local do Grémio Nacional de Armadores de Pesca do Bacalhau, que facilitava a compra e venda do produto. Esta situação fez com que outras empresas do ramo abrissem atividade no Ginjal, como é o caso de oficinas de redes, da empresa industrial de frio e a Fábrica de Óleo de Fígado de Bacalhau, que se encontrava numa plataforma à cota superior, no início da Quinta do Almaraz.

Devido à rentabilidade do bacalhau nesta altura, as empresas relacionadas com esta atividade aproveitavam o encerramento de algumas atividades para tomarem posse de grande parte dos edifícios que existiam no Cais como foi o caso da Fábrica de Cortiça Symington e dos Estaleiros Navais Hugo Parry. Resultado desta situação é a ampliação de muitos dos edifícios e o corte feito na arriba para se conseguir obter mais espaço para estas indústrias.

Fruto da sua relação com o rio, este lugar beneficia de uma vista privilegiada sobre o plano de água e sobre Lisboa. Tendo sido durante muitos anos o elemento primordial para a ligação entre as duas margens.

Outra das práticas que no passado existiu no Ginjal, foi a atividade balnear, que se verificava na região pelo menos desde 1860, tendo-se registado um aumento considerável de banhistas em 1921. A praia mais utilizada era a das "Lavadeiras".

021_ *Fotomontagem do Cais do Ginjal* Proposta

022_ *Fotografia do Cais do Ginjal* Estado atual

023_ *Fotografia do Cais do Ginjal* 1900



023



022



021

Cais do Ginjal

A partir de 1930, no século XX, começam a aparecer os primeiros restaurantes localizados no Cais do Ginjal, tendo a maior parte resultado de ampliações de casas de pasto ou adaptações de armazéns existentes, que se transformaram em amplos restaurantes. Em funcionamento por mais de trinta anos, estes espaços ganharam fama e dotaram o Ginjal de um maior movimento e atividades de lazer (Milheiro, 2009).

Devido à construção da ponte 25 de Abril em 1966, estes espaços perderam muita da sua influência e acabaram mesmo por encerrar, ao fim de pouco tempo. No entanto esta atividade foi das que maior fama deu ao Ginjal, tornando-o durante alguns anos num espaço civilizado e muito procurado, principalmente pela população lisboeta.

Nesta altura os trabalhadores trabalhavam todos os dias, exceto ao domingo, nesse dia o Ginjal ganhava um caráter bastante diferente dos restantes dias, as pessoas saíam à rua, passeavam junto ao rio e ocupavam os restaurantes e espaços de lazer que aí existiam.

No entanto, o Ginjal era nesta altura um espaço predominantemente dedicado ao trabalho. Poucas pessoas moravam neste lugar devido à falta de condições, sendo que os poucos que ali viviam estavam dependentes do centro histórico de Almada para suprir as suas necessidades.

Esta situação era ainda dificultada pelos poucos acessos que existiam entre a cota alta da cidade e o cais. Desta forma a maior parte dos trabalhadores residia em Almada e restantes em Lisboa, sendo que, para estes a situação ainda era agravada pelas variações da ondulação, que por vezes impedia que se chegasse à margem sul do Tejo (Milheiro, 2009).

A partir dos anos sessenta e setenta as alterações que se deram ao nível da produção, distribuição e consumo de produtos alterou por completo o panorama que caracterizou o Ginjal durante muitos anos.

A construção da ponte veio acentuar ainda mais esta situação, tendo em conta que, o transporte rodoviário de mercadorias e pessoas ganharam supremacia em relação ao transporte fluvial entre as duas margens do rio, o que fez com que grande parte das infraestruturas existentes no cais perdessem a sua função e lógica segundo o funcionamento atual da cidade.

024_ *Seção horizontal do Cais do Ginjal Proposta*
025_ *Seção horizontal do Cais do Ginjal Estado atual*
026_ *Seção horizontal do Cais do Ginjal 1883*



026

0 100



025

0 100



024

0 100

Cais do Ginjal

Atualmente o Cais do Ginjal conta apenas com dois estabelecimentos em funcionamento, na área da restauração, localizados junto às escadas de acesso ao centro histórico de Almada.

Concluindo, a análise feita ao Cais do Ginjal, através do reconhecimento do seu passado e da observação do seu estado atual permitiu identificar algumas das questões que importa ter em consideração para a estratégia a desenvolver, entre as quais: a falta de ligação entre a cidade e o cais; os efeitos da atividade industrial, que se podem verificar pelo estado de degradação dos seus edifícios e pelo corte feito à arriba, situação que demonstra a ação impositiva e castradora da indústria sobre a sua paisagem; a inexistência de espaços públicos de qualidade que façam com que este lugar volte a fazer parte do tempo de ócio e lazer das populações.

É através destas premissas que se irá traçar a estratégia de intervenção sobre este lugar, que se pretende que seja o mais sensível possível, quer à memória e identidade do lugar quer às necessidades dos tempos modernos.

Procura-se uma intervenção consciente, que introduza no lugar novas dinâmicas, potenciando as suas relações, conferindo-lhe novamente uma identidade, como parte integrante do território e da paisagem a que pertence.

A estratégia passa assim por estabelecer a ligação entre a cidade o Cais do Ginjal, ligando as duas cotas. Ao percorrer as ruas do centro histórico de Almada, tentando realizar à cota alta um percurso o mais próximo possível do rio, verifiquei a dificuldade que existia em estabelecer-se qualquer ligação, seja ela física ou visual com o plano de água.

As ruas transversais às vias principais da cidade e que se desenhavam no sentido do rio, iam sempre dar a interiores de quarteirões encerrados por muros de contenção bastante altos, onde não se vislumbrava qualquer sinal de relação com o rio.

Continuando o percurso na cidade, mantendo a intenção deste encontro, chega-se à Quinta do Almaraz que finalmente nos permite o tão desejado encontro, ainda que, apenas visual. É neste lugar que cidade e rio se irão finalmente, unir.



027_ Fotomontagem da relação entre cota alta e baixa entre o Cais do Ginjal e a plataforma intermédia da arriba onde o edifício se implanta à cota superior. **Proposta**

Cubal, entre terra e rio



029



030



031



032

029 - 032_Fotografias do Cubal



028



028_Fotografia do Cubal de Almada 2005

LUGAR

Cubal, entre terra e rio

Como resultado da análise feita à cidade, reconhece-se no Cubal, pelo conjunto de características que reúne, o lugar mais pertinente a ser alvo de intervenção.

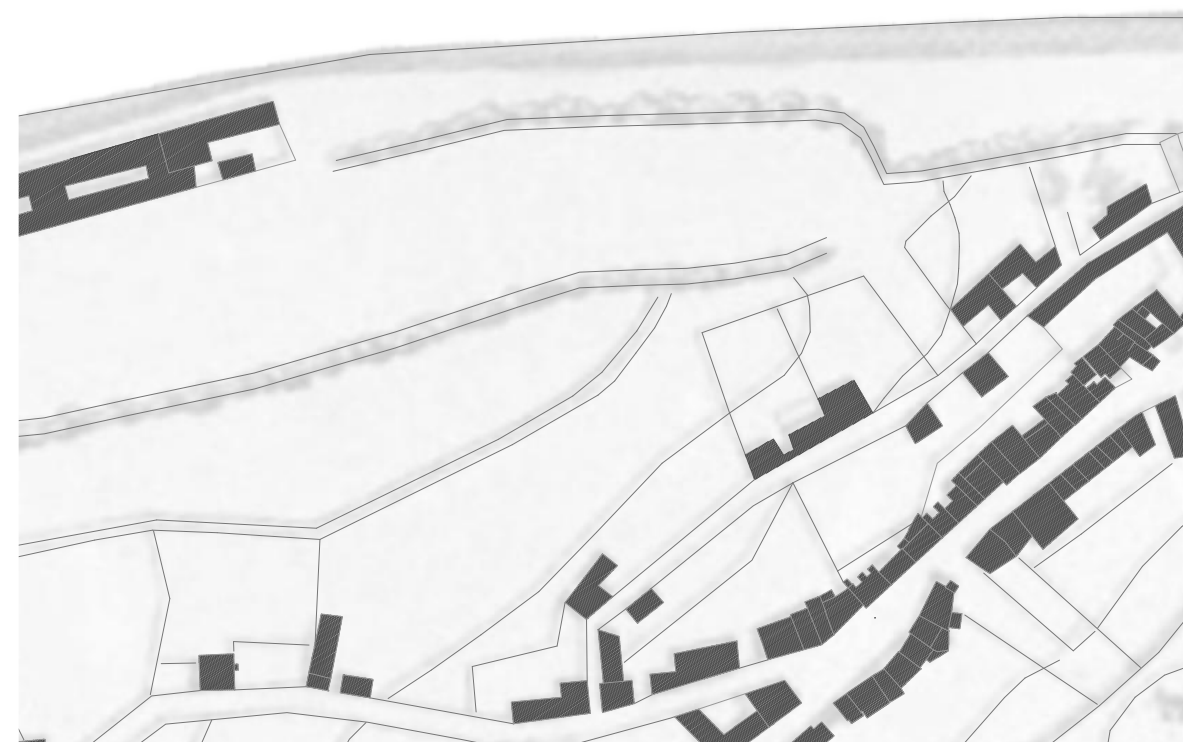
Como anteriormente referido, este elemento define-se por uma superfície de betão, que surge como resultado de uma operação logística, que corta parte da arriba natural para obter espaço para implantar mais edifícios para as práticas industriais e para obter uma maior luminosidade às fachadas tardoz dos armazéns existentes.

Esta operação rompeu com a estrutura natural da arriba, e hoje, após o encerramento da maior partes das empresas que atuavam no Cais, esta superfície, sem qualquer função ou sentido, permanece no território, descaracterizando a paisagem e contribuindo para a perda de identidade da fachada sul do rio.

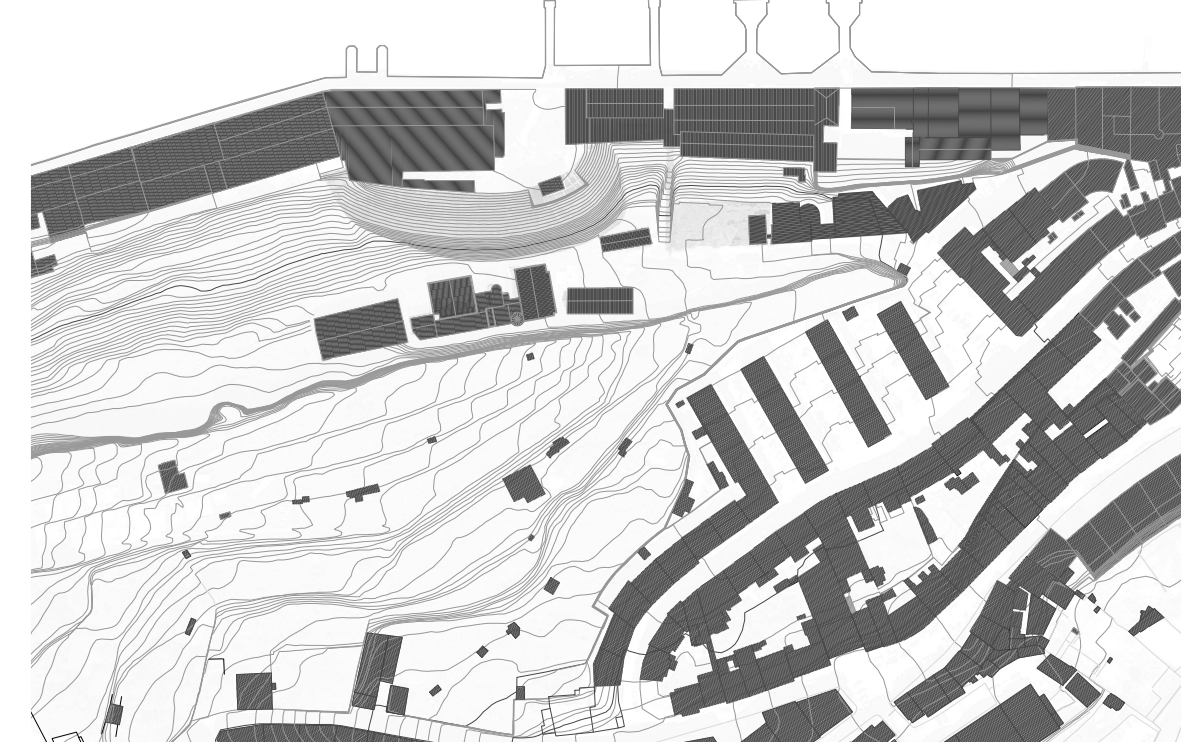
Com trinta e seis metros de altura esta superfície oferece uma vista impressionante sobre o Tejo e sobre Lisboa, vista que, atualmente, poucos conseguem obter.

Uma das principais dificuldades ao uso deste lugar é a falta de acessos. Atualmente o único percurso existente é feito pela Rua Trindade Coelho, inserida na malha urbana, assume uma forma estreita e sinuosa, consequência das características da própria topografia que se revela por um declive acentuado. Esta rua encontra-se delimitada essencialmente por edifícios de caráter habitacional e pequenos comércio e permite a circulação viária a pessoas e automóveis.

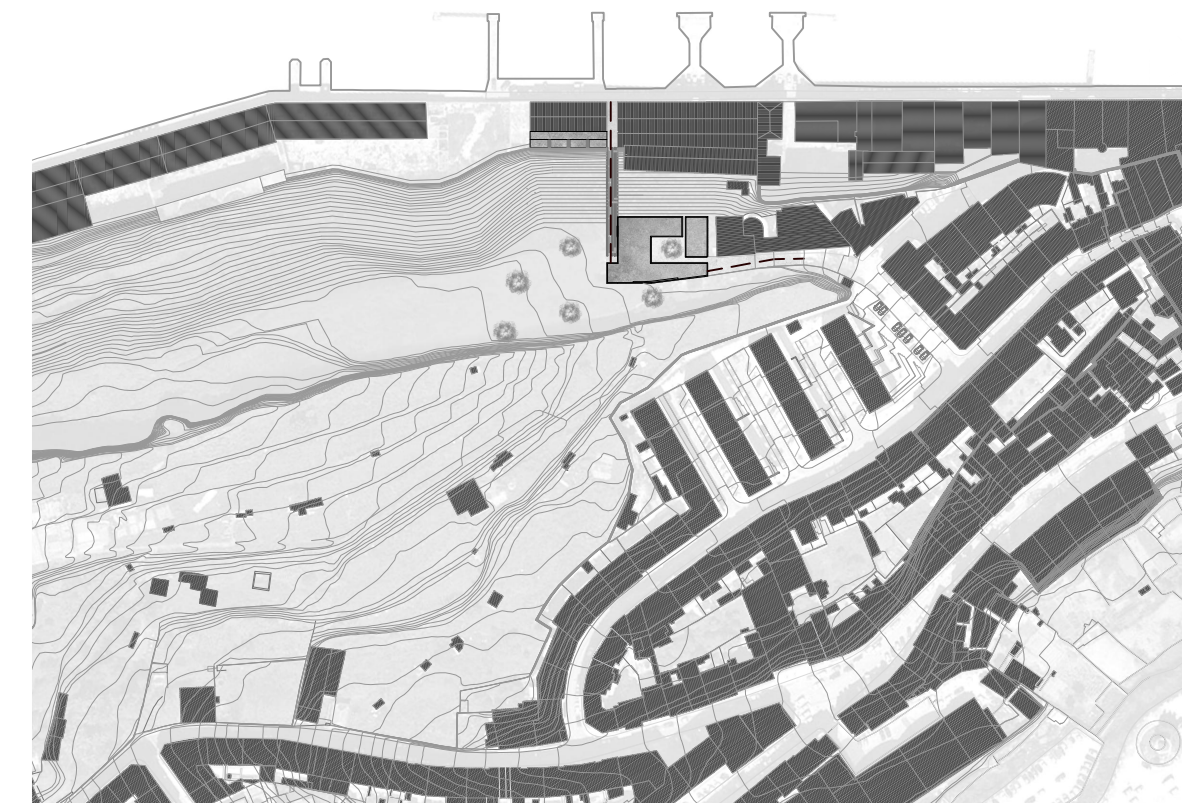
033_ *Seção horizontal do Cubal Proposta*
034_ *Seção horizontal do Cubal Estado atual*
035_ *Seção horizontal do Cubal 1883*



0 30



0 30



0 30

Cubal, entre terra e rio

No culminar do percurso desta rua (Trindade Coelho), segundo a orientação nascente poente, chega-se ao lugar de intervenção, atualmente encerrado por um portão, que marca o fim do percurso público até este local.

Esta questão é referida no Plano de Pormenor do Cais do Ginjal, inserido no Estudo de Enquadramento Estratégico do Almaraz /Ginjal, aprovado pela autarquia municipal em 2008, onde se definem já ações no sentido de solucionar esta problemática, entre as quais a "*Criação de espaços públicos de qualidade (...) com ligações físicas e visuais pontuais com o cais (...)*"; "*Criar ligações pedonais e meios mecânicos de ligação entre o Cais do Ginjal e a plataforma superior da arriba, em articulação com o desenvolvimento do conjunto Almaraz-Ginjal*".

Outra das características inerentes a este sítio é a presença de uma arriba a sul, com treze metros de altura, que se inicia na Rua Trindade Coelho e se prolonga ao longo do terreno de implantação, acabando por o delimitar.

Esta estrutura assume-se em declive acentuado e o seu topo é marcado pela presença de hortas de uso predominantemente particular. Mais a sul deste troço de arriba encontra-se ainda a Reserva Arqueológica de Almaraz, uma dos mais importantes patrimónios arqueológicos do país, no que se refere à atividade fenícia.

Como parte integrante da plataforma horizontal da arriba implanta-se, a anteriormente referida, Fábrica de Fígado de Óleo de Bacalhau. Construída em 1950, encontra-se atualmente abandonada e num progressivo estado de degradação, consequência do desfecho da indústria sobre este lugar.



Cubal, entre terra e rio

Decorrente desta análise, a estratégia de intervenção estabelece-se segundo as seguintes ações:

- **renaturalização** da superfície da arriba que foi cortada, restabelecendo a sua unidade paisagística;

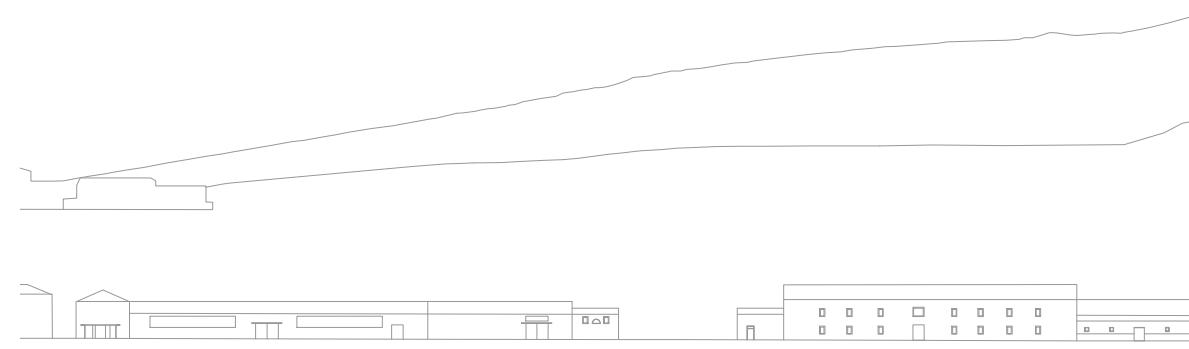
- **destruição dos edifícios** da antiga Fábrica de Óleo de Fígado de Bacalhau;

- **definição do quarteirão** - existente, que remata o encontro da malha urbana com a plataforma da arriba à cota alta, através da implantação de um novo corpo.

- **ligação entre a cidade e o rio**, feita inicialmente a partir do edifício, que recebe os percursos à cota alta e os orienta até ao cais, através da **ligação entre cotas** dada pelo desenho de um novo acesso.

Neste sentido o edifício implanta-se no espaço anteriormente indefinido pelo quarteirão existente, e procura ser um elemento capaz de articular entre si as áreas que estão na sua envolvente - a cidade, a arriba e o rio. Procura-se a relação outrora natural, entre a terra e o plano de água.

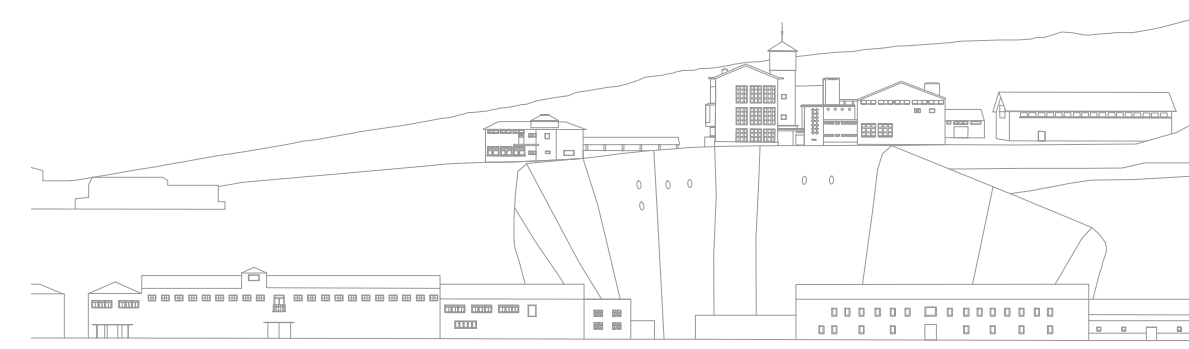
No sentido de articular e provocar relações entre estes universos, desenham-se dois corpos, um à cota alta e outro à cota baixa, unidos pelo programa, e pelo novo percurso que se desenha, que permite finalmente o acesso entre cotas.



037_Seção longitudinal do Cubal Proposta
038_Seção longitudinal do Cubal Estado Atual
039_Seção longitudinal do Cubal 1883

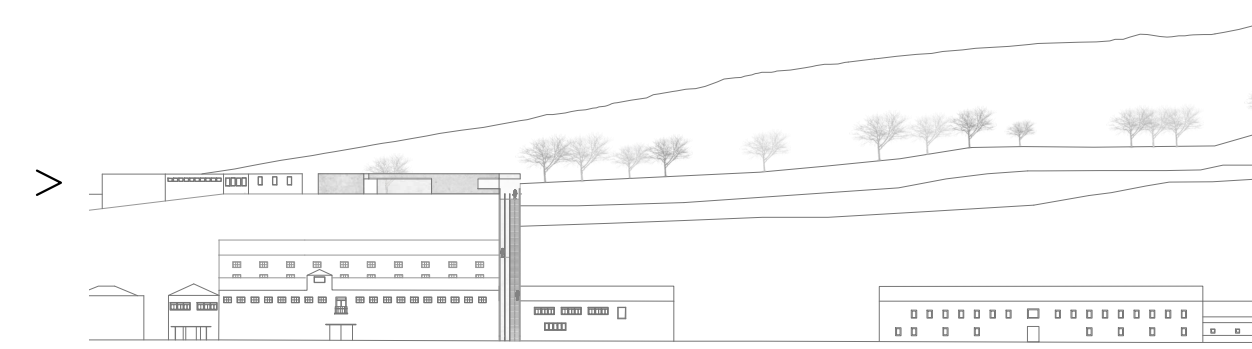
039

0 20



038

0 20



037

0 20

Cubal, entre terra e rio

Para além de rematar o quarteirão existente, a implantação da proposta marca a transição entre dois meios distintos. Marco o momento em que se passa de uma área densamente urbanizada, de cidade, para o universo natural da arriba, agora renaturalizada.

Com o primeiro volume implantado à cota alta, o local onde se deveria desenhar o acesso até ao cais é definido por uma fenda preexistente na arriba, que poderá ser vestígio de um percurso que terá existido anteriormente no mesmo local e que ligava os armazéns do cais à Fábrica de Óleo de Figado de Bacalhau.

Esta ligação é desenhada através de escadas rolantes e pedonais, permitindo um percurso bastante mais fácil e rápido entre cotas.

À cota do cais define-se o segundo volume construído. A sua implantação define-se junto à base da arriba, posicionado junto aos armazéns preexistentes.

O contacto deste corpo com a realidade atual dos edifícios industriais revela-se através das características formais do novo volume, na cobertura inclinada, no pé direito alto e ainda na forma como este se estabelece na base do cais, intrincado entre a arriba e um armazém preexistente.

Desta forma, este corpo mantém a materialidade e programa, do volume à cota alta, no entanto, procura ler a sua envolvente mais próxima e revelar através da sua linguagem formal esse diálogo.

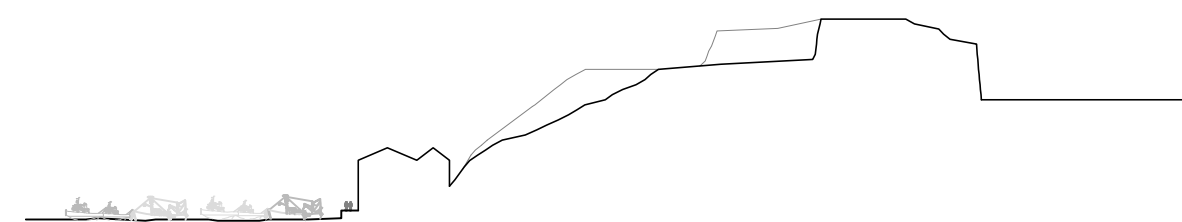


Cubal, entre terra e rio

Já a forma do edifício à cota alta define-se através da composição de três volumes, sobre os quais pousa o plano horizontal da cobertura. No seu centro encontra-se o pátio, espaço que recebe as pessoas que vêm da cidade, as reúne e lhes oferece um espaço público que lhes permite desfrutar da vista sobre a paisagem. É neste lugar que os múltiplos percursos, se reúnem e posteriormente se orientam para diferentes direções e universos.

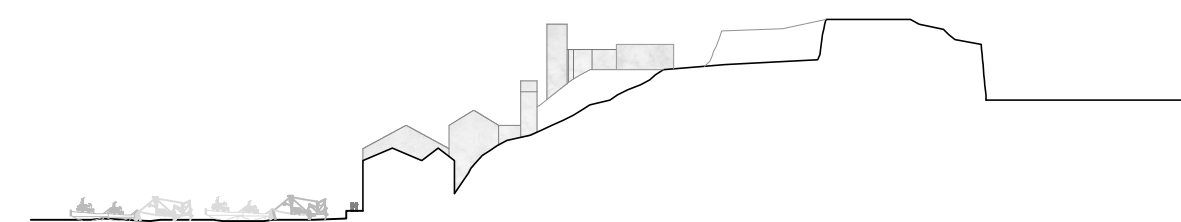
É também para o pátio que os volumes comunicam. Esta relação é estabelecida consoante o caráter espacial que se pretende em cada um desses corpos, se em alguns essa relação se pretende mais franca e até permeável, em outros casos, interessa um diálogo mais contido e pontual.

Importa, que a forma nasça na composição e nos acertos da ideia. Importa, que esta se revele nas relações que se pretendem construir, nos olhares que se pretendem oferecer, nos percursos que o espaço permite, ou no espaço que é construído pelos seus percursos. Importa, que a forma resulte daquilo de que o lugar é feito. Deseja-se, que seja luz e sombra, e por isso seja tempo. Deseja-se que seja matéria e por isso seja espaço. É na razão de tudo isto que a proposta se constrói.

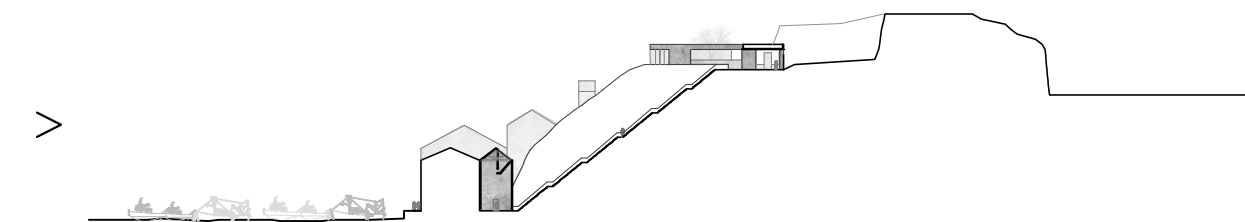


041_Secção transversal do Cubal Proposta
042_Secção transversal do Cubal Estado Atual
043_Secção transversal do Cubal 1883

043



042



041

Centro Cultural



045_ Música
046_ Exposições
047_ Repouso
048_ Inspiração

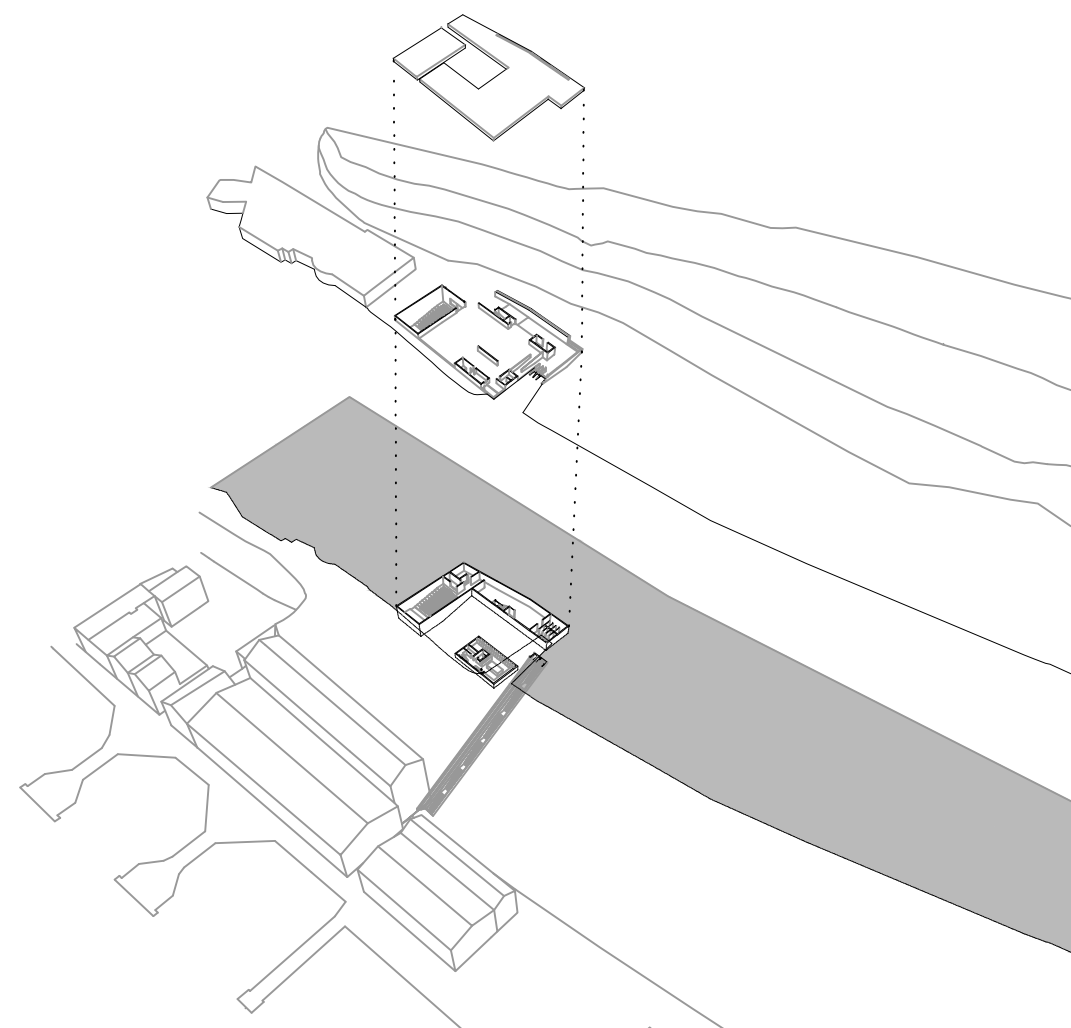


PROGRAMA

044_ Fotomontagem do espaço exterior do Centro Cultural
parte 1

Centro Cultural

Num lugar obsoleto, é proposta uma reaproximação entre cidade e o rio através dum atravessamento público que inclui um programa cultural contemporâneo onde o abrandamento do ritmo citadino e a experimentação da obra de arte pelo homem urbano dá sentido ao conceito interventivo da arte contemporânea.



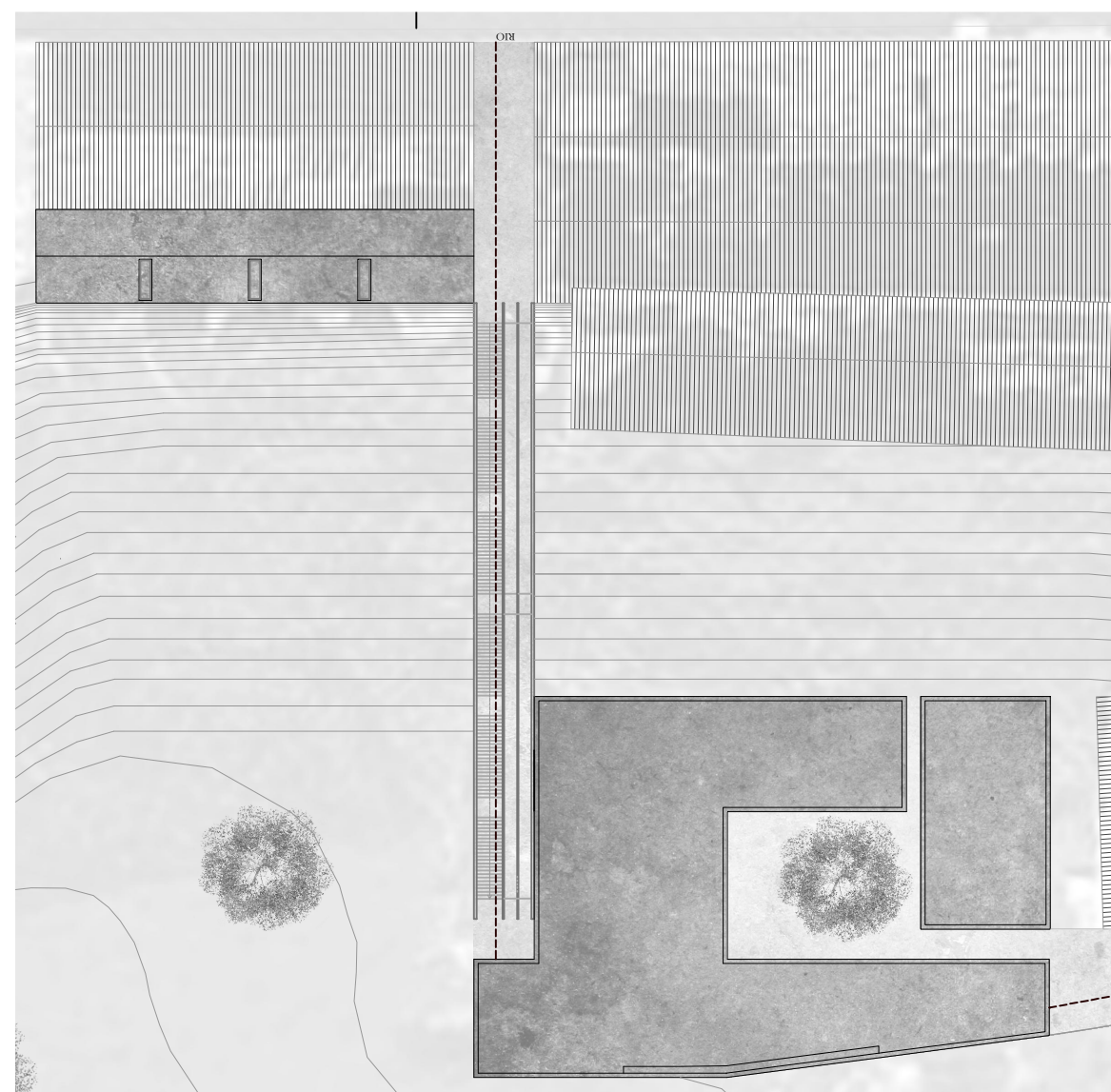
049_ *Axonometria do Centro Cultural*

049

Centro Cultural

A escolha do local de intervenção com a premissa de um programa de espaço expositivo de cultura contemporânea centrou-se na zona oeste da frente ribeirinha da cidade de Cacilhas. O Cais do Ginjal foi seleccionado por se tratar de um troço de cidade descontinuada com necessidades urgentes.

050_ *Secção horizontal da cobertura do Centro Cultural*



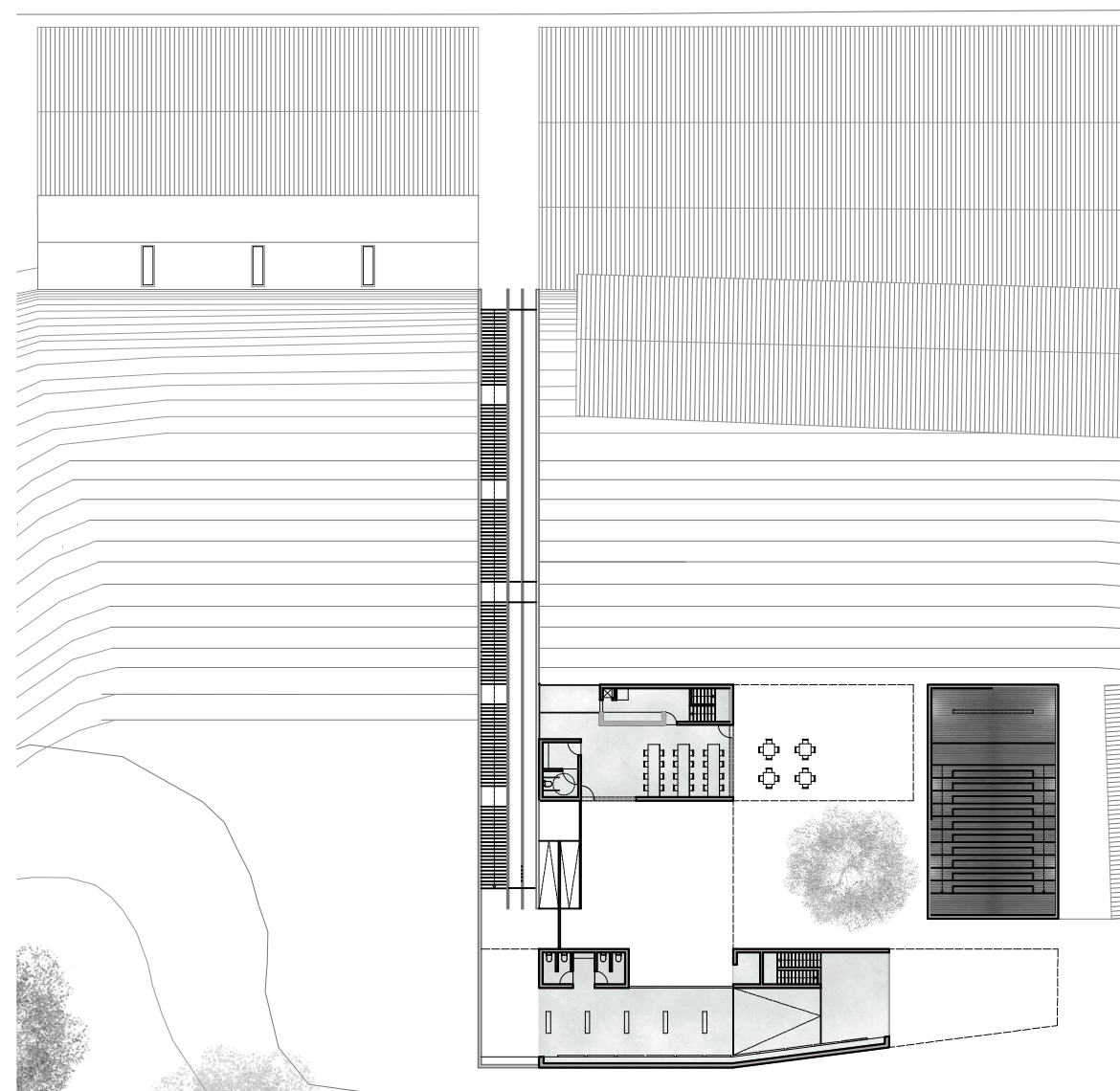
050

0 5

Centro Cultural

A sobreposição de infraestruturas e edifícios de diferentes gerações definem um espaço onde a ausência de planeamento e a perda de função de muitos destes componentes se manifestam num conjunto obsoleto. A barreira física constituída pelo conjunto de edifícios devolutos fabris e ocupações clandestinas, bem como a construção de um paredão de betão (denominado Cubal) são os propulsores de um maior afastamento entre a cidade e o rio. A intervenção propõe uma regeneração do lugar por meio de um atravessamento transversal público cidade-rio, procurando estabelecer uma ligação construída, física, da cidade com a zona ribeirinha.

051_Secção horizontal do piso térreo do Centro Cultural



051

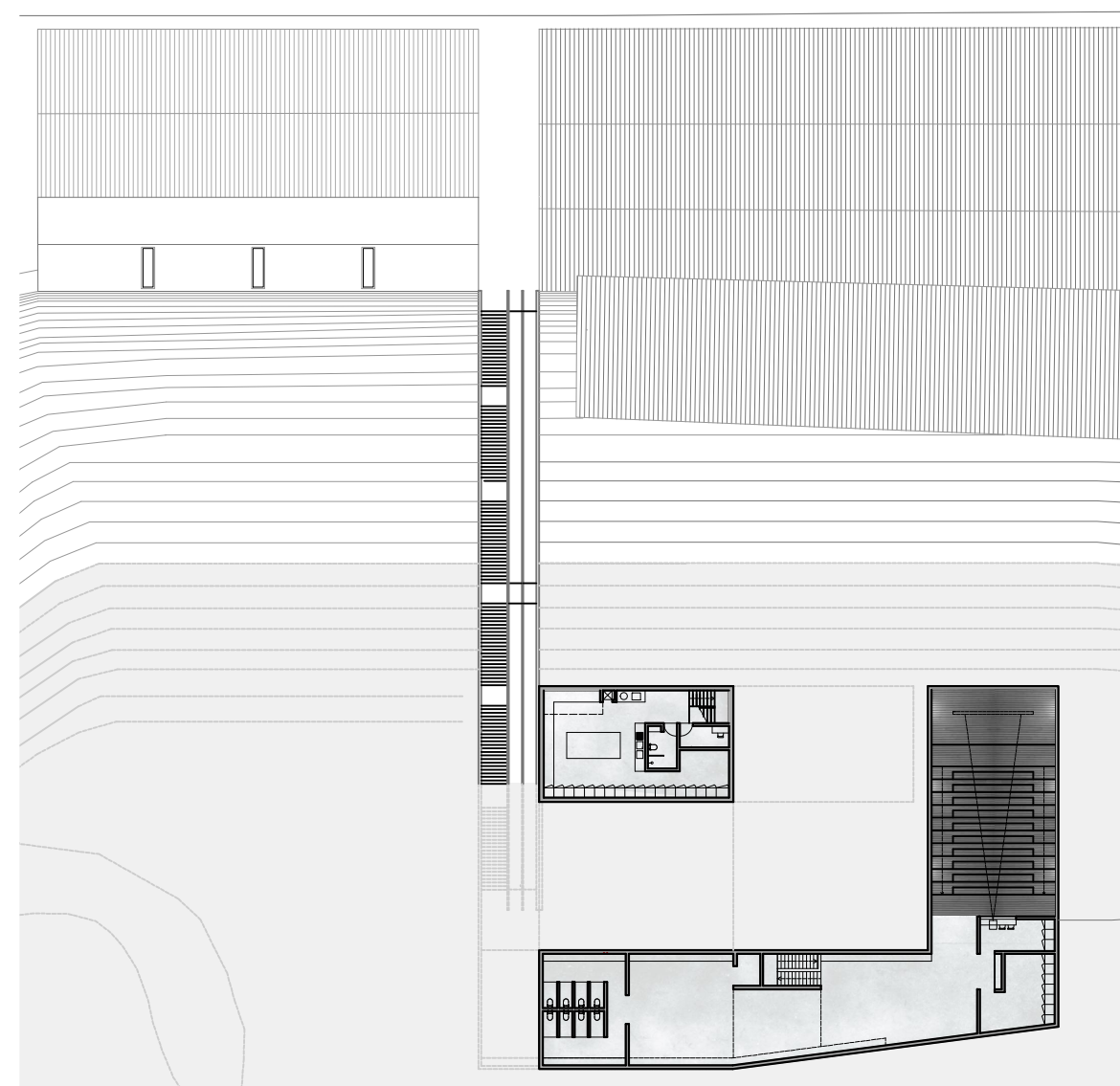
0 — 5

Centro Cultural

O edifício oferece à cidade um espaço de abrandamento do ritmo urbano onde a experimentação da obra de arte pelo homem urbano dá sentido ao conceito interventivo da arte contemporânea.

Organizado em torno de pátios, a sua configuração permite receber, acolher e devolver os visitantes ao seu percurso. O programa, composto por sala expositiva, auditório e cafeteria, oferece um uso cultural.

052_Secção horizontal do piso -1 do Centro Cultural



052

0 — 5

Centro Cultural

O espaço construído, rótula de percursos, de quem vira as costas ao rio ao encontrar a cidade ou de quem, em sentido oposto, vindo dela, tem agora um lugar para olhar o rio, numa posição de supremacia própria de quem observa e o vagar suave de quem se deixa, quase sempre, conquistar. Procura-se uma fusão entre os problemas urgentes de um lugar, um programa cultural e o Homem contemporâneo, numa aproximação entre universos tão próximos, mas ainda assim tão distantes.

053_ *Fotomontagem do espaço exterior do Centro Cultural*
parte 2



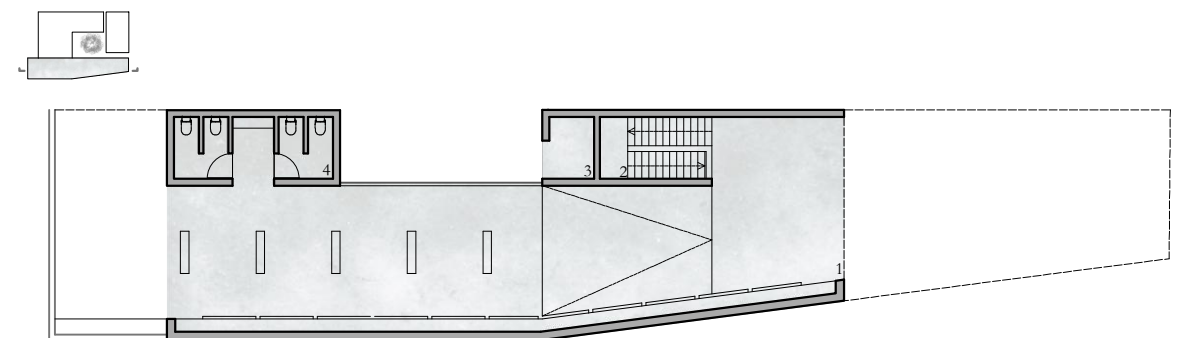
053

Sala de Exposição

De caráter singular a Sala de Exposição é desenhada através do prolongamento do espaço exterior de rua, orientando o percurso que permite a ligação à cota inferior do cais e consequentemente ao rio Tejo.

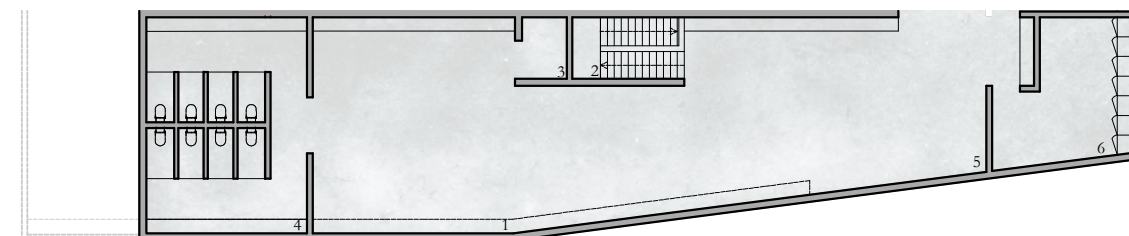
Assume-se como um lugar onde a transição entre interior e exterior se constrói através da sombra. A presença da cobertura como elemento delineador do espaço, permite, para além do abrigo, o olhar sobre as peças que nos são expostas.

O pequeno desnível, de um metro, já no seu interior, oferece ao visitante uma outra perspetiva, uma nova escala, que possibilita a perceção da existência de um pátio exterior onde outros visitantes deambulam.



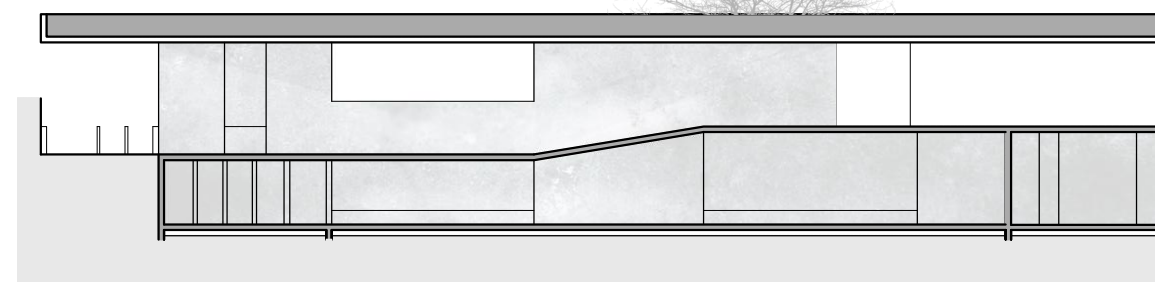
054

1 Sala de exposição	140 m ²
2 Escadas	
3 Elevador	
4 Instalações sanitárias	13 m ²



055

1 Sala de exposição	56 m ²
2 Escadas	
3 Elevador	
4 Instalações sanitárias	43 m ²
5 Foyer	72 m ²
6 Sala de apoio	16 m ²



056

054_Secção horizontal do piso térreo

055_Secção horizontal do piso -1

056_Secção longitudinal

0 2

Sala de Exposição

A abertura, que nos permite olhar novamente o exterior, agora segundo o seu enquadramento, garante a entrada de luz no interior. O espaço principal da sala é definido através de por plano vertical, que se anuncia pela sua configuração como o principal local de exposição e por dois corpos, nos quais se encontram os espaços de apoio. Num primeiro módulo encontramos as instalações sanitárias e no segundo as escadas e elevador, que permitem o acesso ao piso inferior, que se desenha como prolongamento do espaço de exposição e *foyer*.

O seu uso e habitabilidade remetem para a conceção de uma rótula de ativação de percursos, que se cruzam no seu interior, entre olhares e conversas, entre sons e cheiros, daqueles que por si passam, como uma antecipação de cidade ou de natureza.



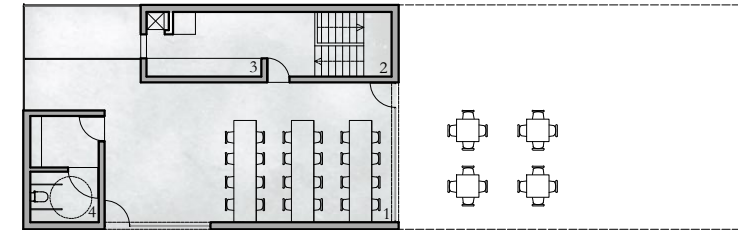
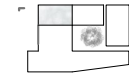
057

057-058_Fotomontagens da sala de exposição e da sua articulação com os espaços exteriores do Centro Cultural. Espaço coberto que vive como espaço de permanência e espaço de passagem, que reforça e orienta o sentido do percurso entre a cota alta da cidade e a cota baixa do Cais do Ginjal



058

Cafeteria

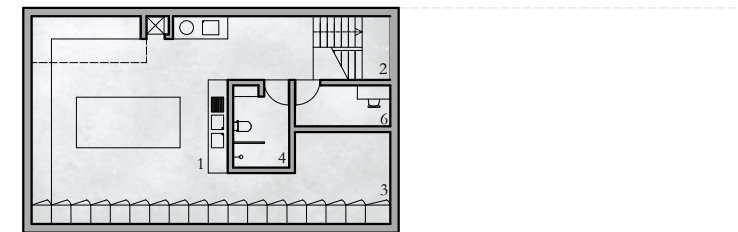


1	Sala de refeições	70 m ²
2	Escadas	
3	Espaço de apoio	10 m ²
4	Instalações sanitárias	10 m ²

059

A Cafeteria do Centro Cultural, é composta por dois pisos, sendo o piso térreo de uso público e o piso inferior reservado às áreas técnicas. A sala de refeições define-se através da disposição do mobiliário, que permite uma capacidade para 80 lugares sentados, distribuídos pela sala interior e a sua esplanada debruçada sobre o Tejo.

A relação entre interior e exterior subdivide-se em três momentos distintos, conseguidos pela presença de vãos com diferentes configurações, que respondem em função dos espaços com os quais comunicam. De maior dimensão destaca-se o vão que compreende toda a fachada nascente permitindo que o espaço principal da sala se prolongue ao exterior. Como delimitação de um outro espaço interior, desenha-se um vão de dimensão mais reduzida que comunica com o pátio coberto.



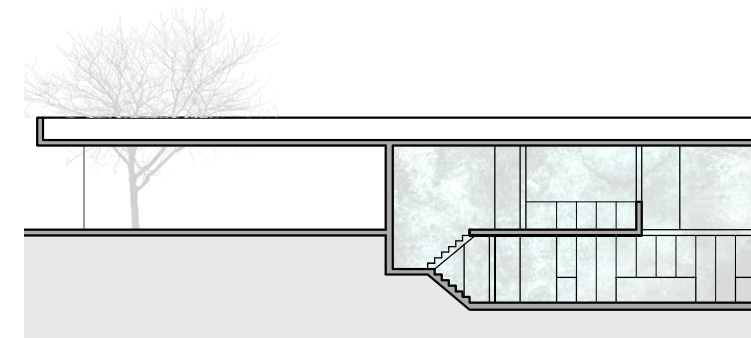
1	Cozinha	52 m ²
2	Escadas	
3	Arrumos	
4	Instalações sanitárias	6 m ²
6	Sala de apoio	5 m ²

060

059_Secção horizontal do piso térreo

060_Secção horizontal do piso -1

061_Secção longitudinal



061

0 2

Cafeteria

Por último, com um maior grau de privacidade, anuncia-se uma outra abertura, a de menor dimensão, que permite um outro olhar, segundo um enquadramento da arriba e da sua fusão com o rio Tejo. Neste espaço convida-se o visitante a permanecer, mais isolado da restante dinâmica da cafeteria, convidando à introspeção e reflexão sobre a paisagem que os seus olhos alcançam.

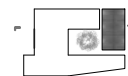
De forma a garantir o funcionamento do espaço são definidas zonas de apoio, através da introdução de dois corpos que, no piso térreo incorporam as instalações sanitárias e a zona de servir com ligação ao piso inferior, onde se encontra a cozinha e zonas técnicas. Ambos os espaços beneficiam de luz natural através da proliferação da luz que chega ao interior pelo vão de canto situado no piso superior.

062_Fotomontagem do espaço interior da cafeteria onde se procura o reforço da ligação visual entre interior e exterior. O enquadramento da paisagem é feito pelo desenho do vão, que potencializa a relação com o rio e com a vegetação



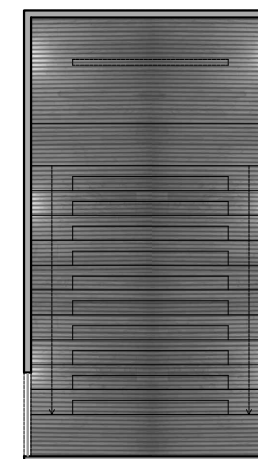
062

Auditório

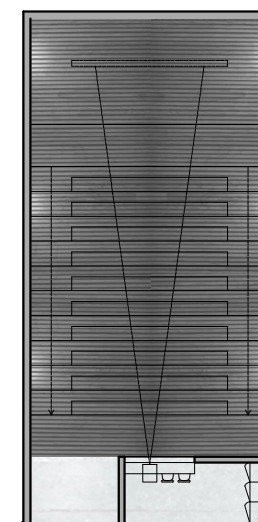


O Auditório tido como o espaço de maiores dimensões, possui planta retangular, cuja altura lhe confere uma volumetria cúbica, que introduz uma nova escala no espaço interior habitável do Centro Cultural.

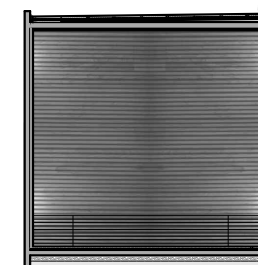
Com uma configuração e linhas sóbrias, a sua geometria ligada às poucas aberturas à cota dos pátios, confere-lhe um caráter robusto, acentuado pela sua materialidade. A sua relação com o espaço exterior dos pátios estabelece-se através de dois vãos, de forma quadrangular, desenhados na fachada nascente e poente, estabelecem a relação visual desde a cota exterior dos pátios e da rua lateral até ao interior do auditório.



063



064



065

063_Secção horizontal do piso térreo

064_Secção horizontal do piso -1

065_Secção longitudinal

1	Auditório	144 m ²
2	Sala de projeção	12 m ²

0 2

Auditório

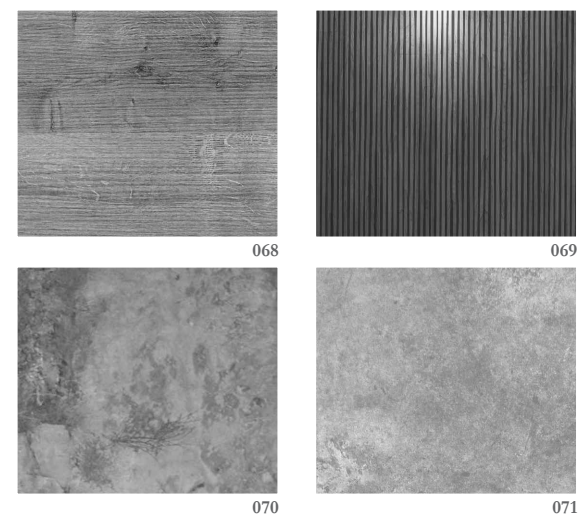
Olhar o que está a acontecer neste espaço e conseqüentemente, quando assim se desejar, aumentar a entrada de luz natural para o seu interior, permite uma maior diversidade de usos, dotando-o de uma pluralidade de significados e sentidos, que se propõe a responder às necessidades de uso, procurando relacionar a população com a sua cultura e de certa forma, com o seu território.

Enquanto que, no exterior este espaço procura manter a leitura do conjunto arquitetónico do centro cultural, através da continuidade do betão desde as fachadas aos pavimentos, no seu interior procura responder a uma determinada função e conseqüente especificidades, optando-se pelo uso da madeira como revestimento, dando uma outra perspectiva e percepção da sua espacialidade.



066_Fotomontagem do espaço interior da sala do auditório. O controlo da luz e a definição da madeira como matéria à vista, confere a este espaço uma atmosfera feita de conforto e quietude, onde o silêncio acontece na espera que a arte o corporifique e lhe confira múltiplos sentidos.

Matéria



068_ *Textura de madeira existente no lugar*
069_ *Textura de madeira proposta*
070_ *Textura de betão existente no lugar*
071_ *Textura de betão proposta*



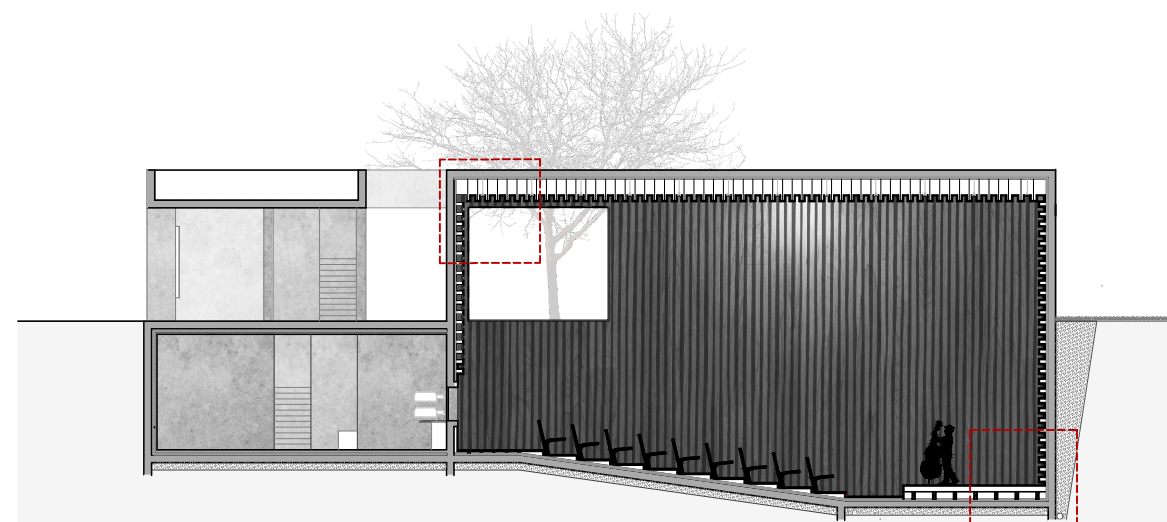
MATERIALIDADE

067_ *Texturas*

Expressão construtiva

A definição construtiva do centro cultural define-se essencialmente por dois materiais: o betão, enquanto elemento base de construção, e a madeira como revestimento interior do espaço do auditório.

Todo o conjunto arquitetónico define-se por estes dois elementos. Na cafetaria e sala de exposição, o betão cofrado à vista, estende-se desde os limites das fachadas de cada espaço pelos pavimentos dos pátios, fazendo com que vazio e construído se fundam como um único elemento.



072_Secção construtiva do auditório do Centro Cultural

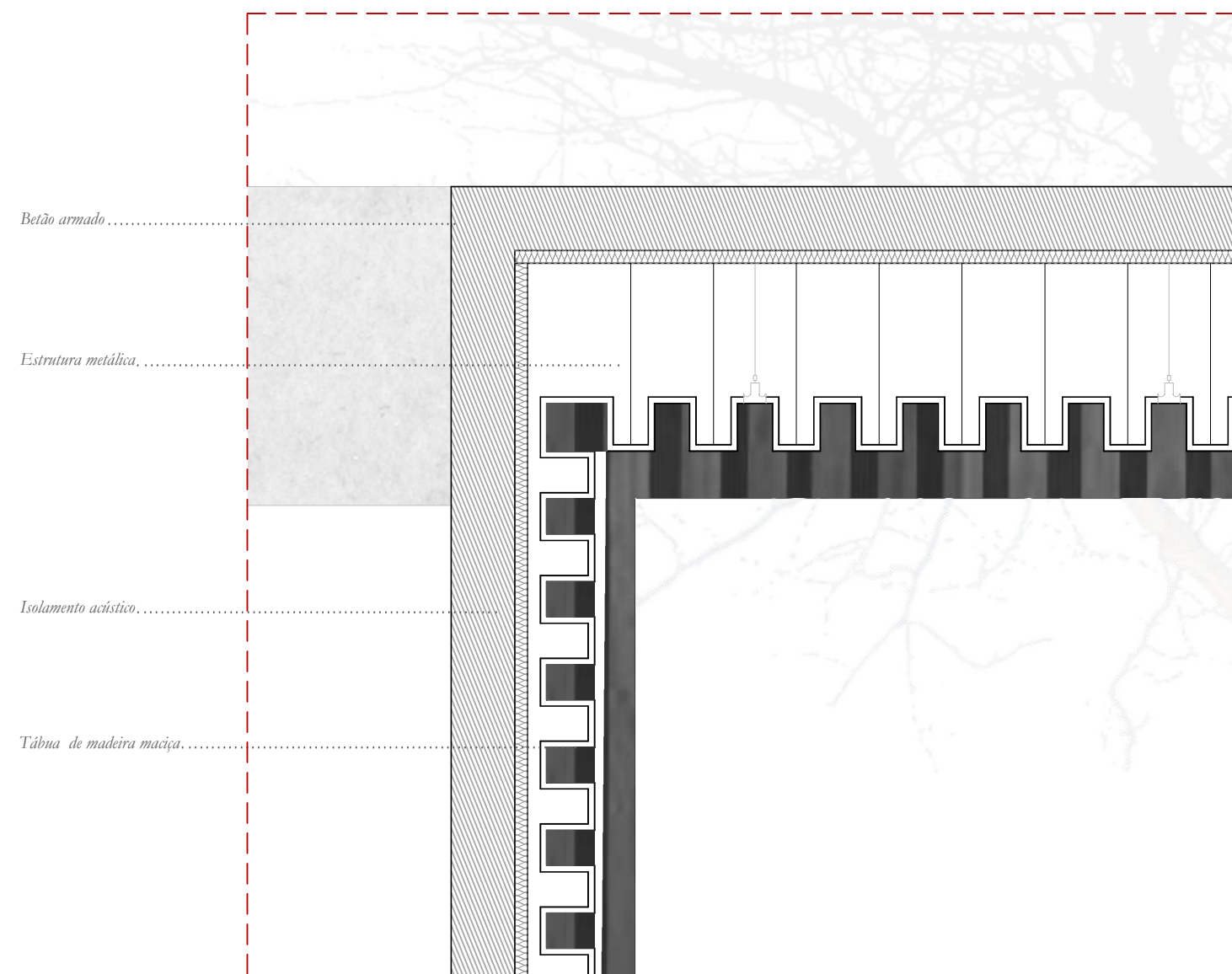
072

0 — 2

Expressão construtiva

Isto permite que ao olhar-se para o interior dos espaços, seja perceptível que os elementos possuam um caráter maciço, como se não fossem mais do que pontos de apoio de um plano, que sendo a sua cobertura, lhe confere sombra e define as espacialidades dos seus programas. As texturas definidas, surgiram pelo confronto com as existentes no lugar.

073_Detalhe construtivo do auditório do Centro Cultural

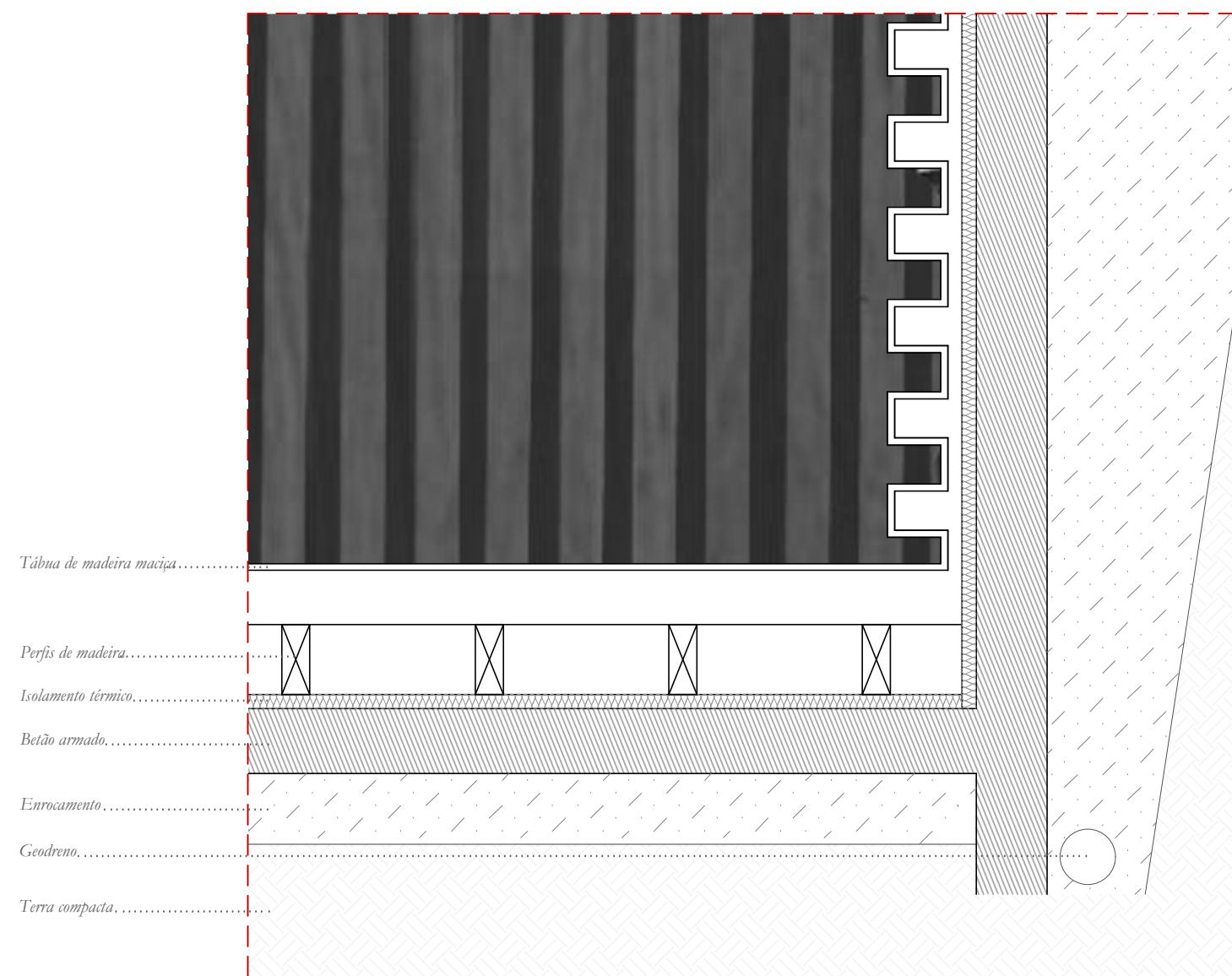


073

0 0.2

Expressão construtiva

A textura da madeira, evidente nos troncos, torna-se agora ambiente do desenho do espaço de auditório e, por sua vez, a textura da pedra calcária, incorpora-se agora como agregado da matéria contruída do complexo cultural.



074_Detalhe construtivo do auditório do Centro Cultural

074

0 0.2

Índice de figuras

- p. 002 001 *Esquemas explicativos da ideia síntese*
Laura Dias, 2017
- p. 004 002 *Fotografia panorâmica de Almada, 1962*
Arquivo Municipal de Almada
<https://3.bp.blogspot.com/-gIdmojCKsg/U6Lru81V7xI/AAAAAAAAAB1k/bBIUTA0zqMvo/s1600/1200+Almada+concelho+Vista+panor%C3%A2mica+tira+da+da+Serra+de+Monsanto+rendo-se+o+rio+Tjo+e+a+margem+sul+1962.png>
- p. 003 003 *Localização de Almada. Mapa de Portugal*
Laura Dias, 2018
- p. 008 004 *Ortofotomapa*
Laura Dias, 2017
- p. 010 005 *Carta Geológica*
Serviços Geológicos de Portugal, folha 38-D Setúbal
Biblioteca do Colégio Luís António Verney - Universidade de Évora
- p. 012 006 *Mapa das curvas de nível*
Laura Dias, 2018
- p. 014 007 *Mapa do edificado*
Laura Dias, 2018
- p. 016 008 *Mapa das indústrias*
Laura Dias, 2018
- p. 018 009 *Planta histórica da cidade de Almada, anterior ao século XIX*
Laura Dias, 2018
- p. 020 010 *Planta histórica da cidade de Almada no século XIX*
Laura Dias, 2018
- p. 022 011 *Planta histórica da cidade de Almada no século XX*
Laura Dias, 2018
- p. 024 012 *Evolução cronológica da cidade de Almada*
Laura Dias, 2018
- p. 026 013 *Fotografia panorâmica do Cais do Ginjal desde a Praça do Comércio, 1968*
Francesco Rocchini
Adaptada de https://1.bp.blogspot.com/-Tbfjmwk_15vc/VRM3Ojs-T4I/AAAAAAAAAD54/VJPa9gQueKE/s1600/Almada%2Bconcelho%2BPra%C3%A7a%2Bdo%2BCom%C3%A9rcio%2B%2Brio%2BTjo%2BAlbum%2Bsobre%2BIsboa%2B%2BCintra%2B1868%2BFranco%2BRocchini%2B1822%2B-%2B1895.jpg
- p. 025 014 *Cais do Ginjal, 1967*
Autor desconhecido
https://2.bp.blogspot.com/-5BX-VkNTuCA/U6_Odz_oYxeI/AAAAAAAAAB_k/nDgCn2DTYbs/s1600/800+Cacilhas+Bacalhoeiros+no+cais+junto+%C3%A0+f%C3%A1brica+do+Gelo+AML.jpeg
- p. 025 015 *Pontões de acostagem junto às instalações do Grémio no Cais do Ginjal, 1967*
Autor desconhecido
Adaptado de http://arquivo.stis.pt/uploads/r/8mfo8/7/cf/d/7cd377j670bd5a5f498a5d72577c84b4d19529b14b169ca32e608504815bd07a/Baia2_141.jpg
- p. 025 016 *Corredor do Ginjal, 1978*
Nuno Pinheiro
<https://2.bp.blogspot.com/-8Tn3Qvbsfg/U6kYSDDn0I/AAAAAAAAAB5U/zGClrFzmqzHg/s1600/600+Cacilhas+Nuno+Pinheiro+P%C3%A1tio+do+Ginjal+01.jpg>
- p. 025 017 *Cais do Ginjal, 2005*
Rodrigo Alagôa
<https://2.bp.blogspot.com/-WWb06WNYb8/WXHF0Kz394I/AAAAAAAAApbY/inK0nxcchaNmLdWZEZ5xHTLmUvUj8jqRACLzBGAs/s1600/7585631.jpg>
- p. 032 018 *Ortofotomapa do Cais do Ginjal. Proposta*
Laura Dias, 2017
- p. 031 019 *Ortofotomapa do Cais do Ginjal. Estado atual*
Laura Dias, 2017
- p. 030 020 *Ortofotomapa do Cais do Ginjal. 1964*
Laura Dias, 2017
Adaptado da "Fotografia aérea da zona de Cacilhas, 1964" fornecida pelo Departamento de Planeamento Urbanístico e Desenvolvimento Económico, Divisão de Estudos e Planeamento da Câmara Municipal de Almada
- p. 036 021 *Fotomontagem do Cais do Ginjal. Proposta*
Laura Dias, 2017
- p. 035 022 *Fotografia do Cais do Ginjal. Estado atual*
Laura Dias, 2017
- p. 034 023 *Fotografia do Cais do Ginjal, 1900*
Paulo Emílio Guedes e Saraiva, década de 1900
https://4.bp.blogspot.com/-E_j-AnhNON7E/U56QINskbMI/AAAAAAAAABzM/nZXq8Wan6Q/s1600/800+Cacilhas+Paulo+Em%C3%A1dio+Guedes+e+Saraiva+21+Ginjal+01.jpg
- p. 040 024 *Secção horizontal do Cais do Ginjal. Proposta*
Laura Dias, 2017
- p. 039 025 *Secção horizontal do Cais do Ginjal. Estado atual*
Laura Dias, 2017
- p. 038 026 *Secção horizontal do Cais do Ginjal. 1883*
Laura Dias, 2018
- p. 042 027 *Fotomontagem da implantação do edifício à cota superior. Proposta*
Laura Dias, 2018
- p. 044 028 *Fotografia do Cubal de Almada, 2005*
Autor desconhecido
- p. 043 029 *Vista aérea do Cais do Ginjal, Cacilhas e parte da cidade de Almada. 1960*
Autor desconhecido
<http://d026204.cdn.sapo.io/1/d026204/d-thumb/1426522730/6d77c9965e17b15/010101e1c80c297b406684440d8c333/auren/2017/CapturarGinjal1.PNG?size=1>
- p. 043 030 *Fotografia do Cubal, 1975*
Autor desconhecido
Arquivo Municipal de Almada
- p. 043 031 *Fotografia do Cubal, 1970-1980*
Júlio Diniz
CMA - Museu da Cidade de Almada
- p. 043 032 *Fotografia do Cubal, 2005*
Autor desconhecido
- p. 050 033 *Secção horizontal do Cubal. Proposta*
Laura Dias, 2017
- p. 049 034 *Secção horizontal do Cubal. Estado Atual*
Laura Dias, 2017
- p. 048 035 *Secção horizontal do Cubal. 1883*
Laura Dias, 2017
- p. 052 036 *Fotomontagem do Cubal. Proposta*
Laura Dias, 2018
- p. 056 037 *Secção longitudinal do Cubal. Proposta*
Laura Dias, 2017
- p. 055 038 *Secção longitudinal do Cubal. Estado atual*
Laura Dias, 2017
- p. 054 039 *Secção longitudinal do Cubal. 1883*
Laura Dias, 2018
- p. 058 040 *Fotomontagem do Cubal. Proposta*
Laura Dias, 2018
- p. 062 041 *Secção transversal do Cubal. Proposta*
Laura Dias, 2017
- p. 061 042 *Secção transversal do Cubal. Estado atual*
Laura Dias, 2018
- p. 060 043 *Secção transversal do Cubal. 1883*
Laura Dias, 2018
- p. 064 044 *Fotomontagem do espaço exterior do Centro Cultural*
Laura Dias, 2017
- p. 063 045 *Música*
Laura Dias, 2018
- p. 063 046 *Exposições*
Laura Dias, 2018
- p. 063 047 *Repouso*
Laura Dias, 2018
- p. 063 048 *Inspiração*
Laura Dias, 2018
- p. 068 049 *Axonometria do Centro Cultural*
Laura Dias, 2018
- p. 070 050 *Secção horizontal da cobertura do Centro Cultural*
Laura Dias, 2017
- p. 072 051 *Secção horizontal do piso térreo do Centro Cultural*
Laura Dias, 2017
- p. 074 052 *Secção horizontal do piso -1 do Centro Cultural*
Laura Dias, 2017
- p. 076 053 *Fotomontagem do espaço exterior do Centro Cultural. Parte 2*
Laura Dias, 2017
- p. 078 054 *Sala de exposição. Secção horizontal do piso térreo*
Laura Dias, 2017
- p. 078 055 *Sala de exposição. Secção horizontal do piso -1*
Laura Dias, 2017
- p. 078 056 *Sala de exposição. Secção longitudinal*
Laura Dias, 2017
- p. 080 057 *Fotomontagem da Sala de Exposição*
Laura Dias, 2017
- p. 080 058 *Fotomontagem da Sala de Exposição*
Laura Dias, 2017
- p. 082 059 *Cafetaria. Secção horizontal do piso térreo*
Laura Dias, 2017
- p. 082 060 *Cafetaria. Secção horizontal do piso -1*
Laura Dias, 2017
- p. 082 061 *Cafetaria. Secção longitudinal*
Laura Dias, 2017
- p. 084 062 *Fotomontagem do espaço exterior da Cafeteria*
Laura Dias, 2017
- p. 086 063 *Audatório. Secção horizontal do piso térreo*
Laura Dias, 2017
- p. 086 064 *Audatório. Secção horizontal do piso -1*
Laura Dias, 2017
- p. 086 065 *Audatório. Secção longitudinal*
Laura Dias, 2017
- p. 088 066 *Fotomontagem do espaço interior da sala do Auditório*
Laura Dias, 2017
- p. 090 067 *Texturas*
Autor desconhecido
<https://static.panoramio.com/storage/googleepix.com/photos/large/2399357.jpg>
- p. 089 068 *Textura de madeira existente no lugar*
Laura Dias, 2017
- p. 089 069 *Textura de madeira proposta*
Laura Dias, 2017
- p. 089 070 *Textura de betão existente no lugar*
Laura Dias, 2017
- p. 089 071 *Textura de betão proposta*
Laura Dias, 2017
- p. 094 072 *Secção construtiva do Auditório do Centro Cultural*
Laura Dias, 2017
- p. 096 073 *Detalhe construtivo do Auditório do Centro Cultural*
Laura Dias, 2017
- p. 098 074 *Detalhe construtivo do Auditório do Centro Cultural*
Laura Dias, 2017